

Ministério Público do Estado de Minas Gerais
ACADEMIA DE LETRAS

REVISTA LITERÁRIA

ACADEMIA DE LETRAS DO
MINISTÉRIO PÚBLICO DE MINAS GERAIS

ANO 5 - VOLUME 5 - 2019



Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não correspondem, necessariamente, à opinião da Revista Literária da ALMP/MG.

Os artigos publicados são de propriedade da Revista Literária da ALMP/MG e sua reprodução é permitida somente com autorização dos editores e citação da fonte original.

R454 Revista Literária da Academia de Letras do Ministério Público de Minas Gerais

Ano 5, v. 5, (jan./dez. 2019) - Belo Horizonte, 2019

Anual

ISSN 2446-8177

1. Literatura. 2. Academia de Letras.

CDU 805.05

REVISTA LITERÁRIA | ACADEMIA DE LETRAS MP/MG | ANO 5 | Nº 5 | 2019
Revista Literária da Academia de Letras do Ministério Público de Minas Gerais
Fundada em 2014

DIRETOR

Procurador de Justiça Duarte Bernardo Gomes

COLABORADORES (AS) NESTA EDIÇÃO

Allender Barreto Lima da Silva, Antonio Lopes Neto, Duarte Bernardo Gomes, Gilberto Osório Resende, Joaquim Cabral Netto, Luiz Carlos Abritta, Marcos Paulo de Souza Miranda, Monica Sofia Pinto Henriques da Silva, Raquel Pacheco Ribeiro de Souza, Roberto Atílio Jávare, Sylvio Fausto de Oliveira (*in memorian*), Tatiana Mercellini Gherardi, ensaio em coautoria Geovanna Passos Duarte, autor convidado Henrique da Cruz German.

DIRETORIA DA ALMP/MG

Presidente – Luiz Carlos Abritta

Vice-Presidente – Antonio Lopes Neto

Secretário-Geral – Duarte Bernardo Gomes

Tesoureiro – Marcos Paulo de Souza Miranda

CONSELHO FISCAL

Titulares

Luiz Alberto de Almeida Magalhães

Mônica Sofia Pinto Henriques da Silva

Selma Maria Ribeiro Araújo

Suplentes

Maria Odete Souto Pereira

Sérgio Parreiras Abritta

Octávio Augusto Martins Lopes

REDAÇÃO

ASSOCIAÇÃO MINEIRA DO MINISTÉRIO PÚBLICO

Rua Timbiras, 2928 – Tel (31) 21054878

30140-062 – Belo Horizonte – MG

PRODUÇÃO

3i Editora

CADEIRAS	PATRONOS(AS)	ACADÊMICOS(AS)
1	Afonso Arinos de Melo Franco	Abelardo Teixeira Nunes
2	Alberto Pontes	Roberto Atílio Jávare
3	Alphonsus de Guimarães	Gilberto Osório Resende
4	Alfredo Carneiro Viriato Catão	Bergson Cardoso Guimarães
5	Alfredo Cardoso Guimarães	Enéias Xavier Carneiro
6	Aníbal Machado	Sérgio Parreiras Abritta
7	Antônio Augusto de Lima	Sérgio Soares da Silveira
8	Antônio Carlos Ribeiro de Andrada	Luiz Alberto de Almeida Magalhães
9	Antônio Carlos de Souza Leite	Bertoldo Mateus de Oliveira Filho
11	Antônio Martins Vilas Boas	Allender Barreto Lima da Silva
13	Augusto Mário Caldeira Brandt	Tatiana Marcellini Gherardi
16	Francisco José Lins do Rego Santos	Selma Maria Ribeiro Araújo
18	Francisco Pascoal de Araújo	Marcos Paulo de Souza Miranda
19	Geraldo Freire	Octávio Augusto Martins Lopes
20	Iracema Tavares Dias Nardi	Shirley Machado de Oliveira
23	Joaquim Cabral	Joaquim Cabral Netto
24	José Campomizzi Filho	Antonio Lopes Neto
25	José Lins do Rego Cavalcanti	Élida de Freitas Resende
27	José Valeriano Rodrigues	Luiz Carlos Abritta
30	Leontino de Melo Chaves	Antônio Francisco Patente
31	Luiz Prudente da Silva	Antonio Aurélio dos Santos
32	Nelson Hungria Hoffbauer	Maria Odete Souto Pereira
34	Levindo Ozanam Coelho	Duarte Bernardo Gomes
36	Raul Soares de Moura	Monica Sofia Pinto Henriques da Silva
37	Rodrigo José Ferreira Bretas	Raquel Pacheco Ribeiro de Souza
38	Tancredo de Almeida Neves	Danielle de Guimarães Germano Arlé

Sumário

I – POEMAS E SONETOS 11

Allender Barreto Lima da Silva

Meu poema é resto ...	13
O dizer das cores ...	14
Há muito não enxergava uma alma ...	17
Pueril ...	20

Antonio Lopes Neto

Ultrapassando os Contos de Fadas ...	21
Minissérie do Cangaço: Terror ... Antirrevolução? ...	22
Implosão das Forças Traumáticas ...	23
Misqueceu? Cadê o bico da Caneta? ...	24
Padim Lopes e suas Epopéias no Limoeiro do Norte, ainda saltitantes na sexagenária memória de Lopes Neto ...	25
Na Zuada... Océ e Eu. Tinindo ...	26
Nhô Rapaz ... Licença pra aprendê ...	27
Sem Muié Opiniosa . Retrospecto ...	28
Resistência ou Cassação da Alegria? ...	29
Parâmetro: Escândado sem Chantagem ...	30
Emergência: Embriagando os Olhos ...	31
Me dá um Dinheiro Aí ...	32
Sem Música <i>on line</i> ... Ornamento Fúnebre ...	33
Debaixo do Pé de Umbuzeiro, Desolação ...	34
Tempos de Morosidade Democrática ...	35

Duarte Bernardo Gomes

Um momento ...	36
Flor de lótus ...	37
Cenário do aquário ...	38
...É natural ...	39
Dizer sim ...	40
A Luiz de Camões ...	42
Nossa gratidão ...	44
Fantoches ...	46
Testemunho da renúncia ...	48
Ana Bolena ...	50

Gilberto Osório Resende

Sobre Morrer o Viço ...	51
Norma ...	52
Ensimado ...	54
Ocaso da Decência ...	55
Chão ...	56
Sobre o que vem do Mal ...	57
Meu Tempo Aqui ...	58
Colmeia ...	59
Dossel ...	60
Ponte de Ouro ...	61

Joaquim Cabral Netto

No trilho do bonde ...	62
Ausência ...	63
Medo (67) ...	64
Se a vida vai ...	65
Manhumirim ...	66
Caminhos partidos ...	68
Jesus e Madalena ...	69

Marcos Paulo de Souza Miranda

Flor Ipês ...	70
---------------	----

Monica Sofia Pinto Henriques da Silva

Revelação ...	72
Fluindo ...	73
Díáspora ...	74
Caça ...	76
Ainda ...	77

Raquel Pacheco Ribeiro de Souza

Minha mente padecida ...	78
--------------------------	----

II – CONTOS, CRÔNICAS E “CAUSOS” 79

Raquel Pacheco Ribeiro de Souza

Aposentadoria ...	81
Trinta e cinco anos depois ...	84

Sylvio Fausto de Oliveira (in memorian)

O general Varjão ... 88
O estranho resultado de um jogo de futebol ... 91
O escrevente que quase virou juiz de precatórias ... 93

III – CRÍTICAS E COMENTÁRIOS LITERÁRIOS 117

Luiz Carlos Abritta

Novas Luzes Sobre Canudos ... 119

IV – ENSAIOS E ARTIGOS HISTÓRICOS, LITERÁRIOS E MONÓLOGOS 125

Henrique da Cruz German (autor convidado)

Pequeno monólogo – desabafo e canção de amor. Vou pela sombra... 127

Marcos Paulo de Souza Miranda

Apontamentos históricos sobre a sedição de Vila Rica e seus principais personagens... 129
Parquet or not Parquet? ... 143

Tatiana Marcellini Gherardi

O mercado intelectual e sua degradação na sociedade burguesa:
Como a leitura de *Illusions Perdues* de Honoré de Balzac pode nos fornecer
uma chave de compreensão da realidade de Lucien Chardon ... 145
Um Quartier (Um Bairro) ... 162

V – PATRONOS DE CADEIRAS HOMENAGEADOS 165

Roberto Atilio Jávare

Pequeno elogio a uma grande personalidade:
Discurso de posse na ALMP/MG em 14 de dezembro de 2018 em homenagem
ao Patrono da Cadeira nº 2, Doutor Alberto Pontes ... 167

Duarte Bernardo Gomes

Concisa biografia em homenagem ao meu Patrono,
Cadeira nº 34 da ALMP/MG, Doutor Levindo Ozanam Coelho ... 170

I

Poemas e Sonetos

Allender Barreto Lima da Silva

Nunca escrevi poemas amenos
Os mais leves foram de zombaria e escárnio
Até gostei de alguns, malgrado de pouca valia

Nunca sentei numa cadeira, busquei a caneta
e registrei a palavra para falar do bom e do belo
Poesia sempre foi o que sobrava de mim
sempre foi resto
o fim da linha
Curva, emparedamento e precipício
O não lugar

Nunca cantei, por exemplo, que Jequitinhonha
foi o lugar mais belo onde pisei
e o quanto amo aquele Vale e sua gente
Porque poesia para mim sempre foi lata de lixo
Onde revirava-me a mim mesmo

Aos meus amores
Ofertei meu coração
Mas não poemas
Porque poemas são
o que tenho de pior

Allender Barreto Lima da Silva

As cores têm força
Representam, falam, discursam
Revelam, apontam caminhos, enganam, dialogam
Conduzem, brigam, gritam, calam
Gargalham e choram

Ora escamoteando o **eu** recôndito
de quem lhes toma de empréstimo
Ora expressando fielmente o **eu**
que não se contém em si
e esbraveja para falar

Dizem do escondido
Conversam com o perdido
Reafirmam o revelado
Expressam uma disposição
Ou mesmo uma condição
Nunca deixam de falar
Clarear ou obnubilar

A canção lembra de Almodóvar e Kahlo
Da intensidade e vivacidade de ambos
Lembro da opacidade de Kafka e Camus
e do colorido melancólico de Munch
Num dia, o vigor da luz
No outro, a neblina

Cores de verão, cores de inverno
Uns de acordo com a estação
Outros com o coração
Alguns alheios e cheios de medo
de vestirem-se com a inobservável resignação

Cores sensatas e despropositadas
Comedidas e extravagantes
Conservadoras e revolucionárias
Umam sangram e outras serenam
Abrem e fecham
A vida, o horizonte e o sentido

A linguagem das cores é a mais potente
Quem é o texto escrito para falar mais que o sujar de tinta do papel?!
Não há poema que suplante um borrão rubro em seu corpo!
E o que dizer então da força sedutora da palavra falada?
Toda carga emotiva da palavra falada sucumbe ao reluzir ou escurecer...
As cores fazem o que querem com as palavras
Dinamitam ou resplandecem
ao alvedrio da intensidade e iluminação
E ainda assim não nos privam de enganos...

Na verdade, às vezes, as cores nos induzem ao absurdo
Outro dia mesmo apaixonei-me com o contraste entre uma calça
branca de listras azuis
e a blusa vermelha da garota do supermercado
Aquelas cores me diziam tanto!

Chacoalharam-me.
Não titubeei.
Acelerei o passo para propô-la a eternidade
Ela aceitou e veio o desencanto
Alma monocromática....

Noutra ocasião o clarear do dia invadiu-me de tal modo
Que quis pular da sacada do sétimo andar
Não buscando o fim
Mas por acreditar que tinha asas.

Abaeté, 15 de agosto de 2019.

Há muito não enxergava uma alma

Allender Barreto Lima da Silva

Há muito não enxergava uma alma
Ultimamente, enxergava apenas corpos
Eles apareciam, circulavam e caíam
O simples toque dissipava a matéria
Soprava depois a poeira para longe de mim

Fiquei à espera de um corpo que me alvejasse, ferisse, machucasse
Aguardava o arrebatamento, a destruição, a aniquilação
Queria me sentir vivo para morrer de amores
Sentia-me morto, todavia, justamente por passar
indelével a experiência dos corpos
Os afetos não me comoviam
Não enxergava almas
Desejava a indefinição delas

Há muito não enxergava uma alma
Quando a vi, tive certeza da incerteza
Impalpável, não tateei
Fugidia, não tomei para mim
Operar uma alma é sofrer com miragens
Luzes e breus
Aparições e sumiços

Há muito tempo não enxergava uma alma
Enxergá-la é fortuna divina
Eu me deparei com ela, paralisei, assustei, desconsertei
Ela falava com o mais genuíno e esquecido dentro de mim
Resgatava o menino
Encontrei o que não sabia que estava procurando
Cada gesto, cada expressão, cada olhar, cada movimento
Invadiram-me com vigor, naturalidade e fluidez
Expressando a memória de algo que nunca ocorrera...

Eu que já não sonhava mais
Que me tornara o que nunca fui: um pragmático
Fui tomado por sentimentos assustadoramente pueris
Queria tomar sorvete, brincar, fazer rir, caminhar
pelas calçadas e chorar juntos
Até nessa bobagem de felicidade acreditei por um instante
Nunca tinha visto a liberdade em alguém
Agora vi e queria abraçá-la
Ela escapuliu
Chorei
Desde que apareceu, paralisei-me
Quis pegar em sua mão e ir além, flutuar
Ser conduzido para outro plano, voar
Evaporou e despenquei em queda livre do lugar
onde não havia chegado
Ora, não queria eu ficar sem chão?! Não queria a aniquilação?!
Eis o tombo acachapante!
Poeta louva a dor quando não a tem
Quando apanha do peito, soluça em lágrimas
E arrepende da vontade de sofrer...

Alma clara que se mostrou turva
Encantei-me com um vácuo luminoso e cheio de vida
Ele avolumou-se e desfez o que não estava de pé
Névoa de desencanto
Sopro que derruba vento
Ruínas de vento, restos d'alma
Se enxergar uma alma é uma dádiva
Vivenciá-la é doloroso
Almas são sempre perspectivas
Nunca concreção
Desconfio até que elas não existam
Que tudo não passou de uma quimera
Para encontrar a mim mesmo
Ou o meu *eu feminino e neoliberal*
E nada mais.

Abaeté, 23 de janeiro de 2019.

Allender Barreto Lima da Silva

Quão nobre é a futilidade
Ponto de encontro dos díspares
Fulgurante vaidade
A reunir poetas, modelos de passarela, artistas e burocratas
Estranha farolagem
A colocar no mesmo plano sovinas e perdulários
Incompreensível jactância
A demonstrar que para o pueril não há instância.

Abaeté, novembro de 2019.

Antonio Lopes Neto

Um pedaço cercado de histórias...
Textos escritos na deslumbrante foz do Rio Jaguaribe
(também conhecido como *Rio da Onça* ou *do Jaguar*)
na cidade cearense de Fortim, sob a inspiração da
exótica brisa do município de Aracati-CE.

Como reverter o fim da humanidade?
Profecias estreladas sem falcatruas: a pauta de um visionário.

Merece reflexão a existência do anticristo?
Visões do mundo em chamas catastróficas com a população
rumando às terras de Israel?
Sol envolto de nuvens de volumosas trevas
anunciando um luar respingado de desgraças
entre a aceleração de epidemias incontroláveis.

Qual seria o paliativo para o efeito anunciado?
No dizer de Nostradamus o mundo esfacelado precisa
do perdão celestial do Todo Poderoso!
Entre colapsos, vê-se um símbolo de salvação:
procissões com o reuso dos métodos cristãos
reproduzindo penitências como ressurreição!

Antonio Lopes Neto

Tolerância na caatinga? Blasfêmia!
Ué, escândalo e assassinato banhando
o inocente torrão nordestino. Ímpeto!

No apocalipse do universo dos rurícolas
Virgolino patrocinava o estelionato do terror
obstruindo o sossego e causando a desordem.
Cessação do equilíbrio e expansão do medo.
Estrangulamento da retórica do Justiceiro?
Sinto minha repartida imaginação enferma.

Quebrando a lei e a palavra consagrada
derrubava parâmetros culturais dos rincões
incendiando e saqueando de modo alucinante.
Foi a perceptiva intuição da farda azul oficial
que exterminou o suplício dos sofrimentos.
Agonias só em lembrar o cruel retrocesso...

Antonio Lopes Neto

Sem vexame: pensamento alçado ao infinito!
Destravando aplausos para a ancestralidade.

O protagonismo no *habitat* dos *Toinetos*
repesando as distorções com as discórdias
ante a sagacidade acirrada das posturas
sempre envolta por nuances de compreensão.
Daqui deste enferrujado estágio de alforrias
o badalar dos sinos como estratégia ideológica.

A fina sintonia com a gente limoeirense
e o intercâmbio com os centros políglotas
eram permanentes preocupações da *Lopansa*.
Surpresas às vezes desentediando corações
rompiam paranoias transpondo luas...
Prestígio daquela prole que suplanta o medo...

Misqueceu? Cadê o bico da caneta?

Antonio Lopes Neto

Longe da morada das fadas: hiperdesafio!
Retrato de uma derrapada arriscada.

A (má) ideia seria uma lorota jaguaribana?
O *nalfabeto* macho-caolho bodegueiro
vivia na *bagaceira*, sem pose para fotos!
Tai um *danadinho* pé de valsa avassalador!
Intelecto preso à beleza de seios volumosos,
divertia-se no carteadado do sexo liberado...

Luxúria desfrutando as mamas pecadoras
tocadas carinhosamente por afagos longos
acariciadas pelo olhar do amor nocivo.
O comércio de secos e molhados promíscuo
com modelos descortinando corpos alienígenas.
Daqui da derrama o *rolê* da barbárie.

Padim Lopes e suas epopeias no Limoeiro do Norte,
ainda saltitantes na sexagenária memória de Lopes Neto

Antonio Lopes Neto

Do negro ao mameluco e ao caboclo. E o branco? Como era a
ideia de discriminação? *Viche!* Invoca-se o Dragão do Mar!

O negro verbalizava sonetos assombrados com explosiva paixão
pela saudosa mãe África levando-o a um vulcão de erupção
sistemática entre sedutores e avantajados seios desbotados
que a amada exibia
no seu transparente manequim.
Nem o cordel restaurado amenizava a ansiedade.

Tempestade da igualdade invade o cotidiano:
engenhos, fazendas, agroindústria e tabernas
decapitando a arrogância das surradas correntes.
Libertação! Realce do volumoso dicionário luso
sistematizando o figurino da escravatura.
Valentia! Sem conviências, o grito cearense.

Na zuada: ocê e eu. Tinindo...

Antonio Lopes Neto

Visões eletrizantes do maracatu cearense: rurícolas nas danças das *Danças* de meu avô. Viva ao contentamento; patrulha do viver!

Alegorias com batucadas da tenda de Aladim
até as ladeiras de pedregulhos pontiagudos
animando a trepidação da formosa Ouro Preto.
Molambos estampados e o criativo carnavalesco
rompiam cordões de foliões e anedotários
com adrenalina capaz de converter os pagãos.

Ainda nas notas musicais do velho acordeom
o baião flutuava gracioso no *Rio do Jaguar*
onde o mulherio transbordava as águas
refrescando os homens viris e desbravadores.
Entre confetes, a solta descontração gaiata
retratando o *drumi* da ressocialização...

Antonio Lopes Neto

A foz do Rio Jaguaribe em Fortim-CE;
para o *professô* Zé Lopes um cenário rejuvenescedor!
Jegues empanzinados
na centenária cidade cearense de Aracati. E as especiarias?!
Diga aí *batoré*...

Tarrafas plantadas nas nuvens embelezadas
pescando cintilantes dunas-fêmeas alvoroçadas
numa miragem fervilhada pelo tom afrodisíaco.
Jangadas errantes no desemboque do *Rio da Onça*
entre gorjeios de canários e melodias saudosas
ecoando entre as lindas constelações da felicidade.

Musas despidas e eróticas no lagamar poético
onde o cômico pescador não esquece o oceano,
pátria da qual recolhe o seu sustento diário.
Tragédias de retrocessão com equações elitizadas
na conjugação do arsenal e do suor caboclo.
Sol, mar e o reverso da ponta do iceberg...

Antonio Lopes Neto

Bode erado e fedorento cobrindo crias novas;
um rebuliço danado no imundo e lamacento chiqueiro:
força-tarefa do mal? Palmatória. Polêmica.

O idoso e o seu encosto, a rapariga indecente,
contavam com a plena fraternidade dos aloprados.
Pastoreavam rebanhos com a benevolência dos céus?
O demônio tarado que de Gomorra foi exilado,
satirizava as fêmeas domesticadas pelo medo.
Levava o temor e inquietação a muitas parideiras.

O bode no subterrâneo infectado pelo pecado.
Contaminado, praticava bruxarias cotidianas
deixando as cabritas virgens bem alvoroçadas.
O velho e o irracional tomavam a água do cão
nas cabaças e coités cobertas pelo feitiço...
No pé-de-ouvido, murmúrio: – Sai daí! *Puliça!!!*

Resistência ou cassação da alegria?

Antonio Lopes Neto

A paupérrima África brasileira pespontando:
favelas desnutridas e armadilhas da fome no campo.
Travessias... Violência!

Um tormentoso e inquietante salseiro
horrorizando amarguradas criaturas
em insones noites guiadas pela maldição?
Insana política que elegeu a demagogia
que destroça como veneno a esperança!
Hipocrisia de gestores perpetrando perdas.

Sinto-me azebuado deste nefasto cardápio
e vagando pela rudimentar letra silvestre
descarto perspectivas para enaltecer o hoje
que só espalha semblante de desalento...
Como conviver com o Poder desvirtuado?
Sobrevida para amenizar novos pânicos.

Antonio Lopes Neto

Retrocesso: a impunidade como regra.
E a opinião pública na vida nua e crua?

Espetáculo da patifaria, arapuca do larápio!
O julgador pasmo ante a audácia do criminoso,
protagonista do esbanjamento de gastos públicos.
Influências, subornos, propinas e corrupção
camuflando os desmandos intermináveis...
Um mundo Brasil que envergonha a todos?

Abre-se o *Facebook* sem postagens filosóficas
mergulhando-se na memória do ladrão endêmico
onde o *blog* da honestidade é inexistente...
Estaríamos diante de um planeta vandalizado?
O escárnio estaria suplantando o rigor da verdade?
É o estrangulamento vil e danoso perpetuado...

Antonio Lopes Neto

Castrações desafofando prantos:
cardeais internautas no sertão?

A tatuada meretriz da bucólica Barcelona
Escancarava um surto de conquistas incomuns
esculhambando a virtude de muitos clérigos
que, desmantelados, estocavam romantismo.
Matinês em contradição com qualquer pudor
eram incrementadas, redesenhando Sodoma.

Batinas vermelhas vigiadas pelo Vaticano
levando almas depravadas às penitências!
Embriagadas pela perversão entre orgias?
Extenuados pelo vírus da cigana espanhola,
refugiada no agreste de armaduras encrencadas,
a camponesa gênica despudorada seduzia!

Antonio Lopes Neto

Boas-vindas longe da *chikungunya*.
Esnobação: mergulho no embalo,
com plumas de avestruz. Sem preconceitos...

Derramando energia, a tradutora desnuda
exibia aos tarados e exuberância corporal.
Nos bailes indultados, colares e adereços
primavam uma visão de penas de pavões...
Faziam do *front* da folia um paraíso louco!
Era a diferença abissal entre o sagrado e o profano.

Curiosamente a inibição das donzelas
cobriam de prazeres as colombinas fogosas
anunciando aos malandros tempos de ressaca!
Todos com pensamentos libertos: colapso do pudor?
Ei, você aí! Refêns da descontração sexual.
Só não pode é faltar a danada da cachaça!

Antonio Lopes Neto

Minha avó Mônica Nunes Maia:
rejeitando a morte? Adeuses, saudades.

No velório, o desafogo angustiado prolongado.
A comoção dos familiares consternados.
No mormaço do meio dia canções avoengas;
O aconchego nostálgico nocauteando a vida.
Lá se foi mais uma escultora de virtudes;
abalado estoque da interlocução com a ética.

Ela falou aos netos dos eremitas hebreus
E dos eremitérios espalhados no Limoeiro
realçados por carnaubais e frondosas oiticicas.
O seu clínico olhar na antessala materna
apaziguava os ânimos do fervilhar juvenil.
Lamentamos até hoje sua inesperada despedida.

Antonio Lopes Neto

Relendo meu gibi dos super-heróis:
folheia-se um assombrado cântico galáctico.

O compulsivo escritor da *Lopansa Nunes Maia*
fazendo selfie na passarela intergaláctica
recheada de mirabolantes cenários chamativos.
Lá também a jogatina suplantava o DNA poético?
Sem martírio ou calvário os vilões comemoravam
a procrastinação dos julgamentos dos poderosos.

Nababescamente as vilãs de ruge e batom
Traziam *cá dentro d'alma* um rebolado luso
disfarçando a origem das mil trapaças...
Reacendendo o farol ardente da literatura
surge um atraente poema romanceado e glamoroso
que como titãs sufocam as conquistas espaciais.

Antonio Lopes Neto

A arrogância sem desfalque na colônia.
Isabel, imperatriz, e a pena da liberdade!
Maldades dos *caraibas*?

O fluxo dos instintos afrodescendentes
transpondo o rugido dos hábeis internautas:
o deprimido navio negreiro em frangalhos
ancora no avassalador porto da baía indígena;
e o *chão-Brasil* é pisado pela raça africana!
O barroco e as senzalas no *vídeo* da história.

Identidade cultural aliviando preconceitos
em que os algozes da Lei Áurea assombrados
sucumbiram com os tornados libertários!
Longe das correntes que estarreceram consciências
A cidadania emergia dos troncos de torturas
onde os chicotes dos escrachos foram aposentados.

Duarte Bernardo Gomes

A chuva, muita gente
na chuva poucas...
Perdido coligia imagens
no meio da umidade.
Suprindo a ansiedade
o espaço em branco
deixado pela tua ausência ...
estive.
Uma necessidade sofrida
que rondou por entre
meus reflexos,
só findou quando a luz
fitava-me bem clara.

Duarte Bernardo Gomes

No sonho da vida,
Um dia despertou
para nós.
Seu berço, o sol poente
que se escondia
sempre tristonho,
embora rodeado de sorrisos
florais ... chorou,
para nós.
Perplexos com a vida,
um berço angelical
de traços declarados?
Tudo era maravilha,
tudo era nascente
para nós.
Cada dia
tomava o semblante de rainha
e com pouco tempo,
ainda tão novinha ...
Seu berço guarda a lembrança
da FLOR DE LÓTUS,
criança.

Duarte Bernardo Gomes

Como as pedras
que dormem serenas
e as ervas que nascem
por entre espaços
e as fendas !
Vou vivendo das rochas
e do movimento
dos raminhos
que a cada onda,
deitam na
areia amena.

... É natural

Duarte Bernardo Gomes

O raio
rasga
o céu
descarrega
energia
atraído
pela
energia
Um homem
“raio”
que corta
um seu
acresce
energia
atrai
para si:
os raios
os céus ...

Duarte Bernardo Gomes

Petiz
deixe-me
dizer
SIM
para
tua
brincadeira.

Moço
deixe-me
dizer
SIM
para
tua
inspiração.

Velho
deixe-me
dizer
SIM
para
tua
realização

Todos
deixem-me
dizer
SIM
para
nossa
convivência.
Rogo
ao
NÃO.

Duarte Bernardo Gomes

Enquanto não te vejo
retratado num poema
dizendo de tua alma
tua vida e teus dias;
vagueio pelas letras
inspiradas, mas sofridas
contando de minh'alma
sob mil filosofias.

Enquanto não te ouço
recitando teu soneto
provindo de um amor
tão bonito e tão remoto;
suspiro os meus versos
com espírito inquieto
porque, dessas escritas
quando leio, nem me noto.

Enquanto não te sinto
emprestando-me palavras
o fascínio, o raciocínio
e elevado sentimento;
tropeço em meus erros
não transponho as barreiras
que prendem-me as ideias
limitando o pensamento.

Mas, quando eu te ver
te ouvir e te sentir
encarnado num laurel
pelos tempos conseguido;
terei em meu olhar
em minh'alma e minha vida
o que tinhas, meu poeta
um espírito polido.

E quando eu atingir
a vindoura liberdade,
esperançosa maravilha
pra coroar minhas poesias;
quem sabe as andanças
pelos temas literários
marcarão minha lembrança,
e o desfecho dos meus dias.

Duarte Bernardo Gomes

Um dia
alguns sorrisos
felicitararam e
justificaram a claridade,
muitos abraços
configuraram
um doce afeto da humanidade,
muita alegria
contagiou
e transformou a tonalidade
de algumas horas
que eram sorrisos
que eram abraços
que eram presentes ...
nos mesmos traços.

Um dia
você notou
que existiram
alguns sorrisos
você sorriu
porque gostou
de alguns abraços
que conseguiu,
e percebeu
que esses sorrisos
esses abraços

essa alegria
que te enalteceu,
foram dos mesmos
que todos dias
sempre pediram
um sorriso teu.

Fantoche!

Duarte Bernardo Gomes

Fantoche !

Companheiro inanimado
quando ativo, faz sorrir
muitos sorrisos parados
incapazes de sentir ...
... olhos fixos em lamentos,
corpo envolto pelos panos
tens n'nalma o movimento
e a vontade dos humanos.

Fantoche !

Companheiro inacabado
de presença garantida
no atenuar dos pecados,
nos desconcertos da vida ...
... as palavras sufocantes
disfarçadas pro teu ser
dizeres que por instantes
nos vexamos em dizer.

Fantoche !
O boneco ataviado
numa imagem de herói
um instrumento igualado
à maldade que destrói ...
... o presente que te damos
é chamá-lo de atroz,
porquanto não te enganamos
pois fantoches, somo nós!

Duarte Bernardo Gomes

Surpresa.

Um travesso coqueirinho
circulava alvissareiro
que beleza !
se pudesse, compraria esse coqueiro ...

Decisão.

Dessa forma consegui
interceptar seu paradeiro
e agora?
que farei, com o tal aventureiro?

Ideia.

Belo adorno pro jardim
foi o que eu pensei primeiro,
vou plantá-lo !
para mim; o fogoso jardineiro.

Surpresa.

Meu vistoso coqueirinho
calou meu sorriso corriqueiro !
Perplexo,
contemplei-o recostado ao travesseiro.

Decisão.

Vou tirá-lo do jardim

pois não quero um regateiro !

Eu dormi.

Consenti que sofresse ao cativoiro.

Delírio.

Ao acordar mal humorado

pelos pingos do “caleiro”

logo lembrei,

do jardim, em seguida do coqueiro.

Renúncia.

Já derrubado pela chuva

e arrastado ao formigueiro

sim jazia,

acabado, um sorriso verdadeiro.

Testemunho.

Na renúncia ao meu jardim

e também ao jardineiro ...

Conclui.

Não servi para ser seu companheiro.

Duarte Bernardo Gomes

A noite festiva tinha aragem mansa
as donzelas bailavam no solo de pinho
o rei sorridente como uma criança
cada sorriso, era um gole de vinho !

Indagou das pequenas – aquela de tranças
morena, trajava vestido de linho
rainha do palco, a rainha da dança ...
fez do coração, do rei, o seu ninho !

De cetro real, e a “coroa primeira”
trouxe em seu ventre pequena herdeira
que o tempo contou ser rainha de sorte,

mas para Ana, sua mãe camponesa
sobraram mil dias, de rainha inglesa ...
e um pergaminho com sentença de morte !

Gilberto Osório Resende

Veç ou outra
uma estrela despenca ligeira
do céu aos nossos olhos.

Desavisados
somos levados
primeiro,
a acreditar que
deveras
é estrela,
quando não!

Risível,
no passo outro
imaginar que disso
venha a sorte,
quando não!

Ido o brilho
tem lugar de novo
a escuridão.

Gilberto Osório Resende

Extasiado estou,
mudo e plantado
ante as cordas desse
meu brinquedo de cantar.

Estranho que antes
parece que eu preferia
as pipas ou pipocas
sem essa velocidade tão vã.

Como a lei respiro,
sem pressa sigo – atento;
velozes são meus olhos

Eis que o remédio
é de cura lenta ou nula.

A doença
não sou eu nem você:
quicá uma moda malsã
de verbos e vaidades.
Benta não é norma,
como longe de ser santos estamos.

Nós, por pecados toscos
e aqueloutros
por fazerem-na indigna
de qualquer encômio.
Deram-na às cobras e ao demônio.

Gilberto Osório Resende

Dei-me que a ousadia
no mais se forma
atrevimento.

Daí
que acalmei
meu carrilhão
de arroubos
e os rompantes
se aquietaram
na escada de uma razão
malquista.

Não me reconheço
no espelho
do antanho de coragem
nem no passo do atrevido
de outra viagem.
Tenho deixado
de ser eu mesmo.

Gilberto Osório Resende

Noto,
não sem espanto,
o domínio das cerimônias
e nulidades,
que valem mais que
as obviedades
de clareza solar.

Percebo,
com tristeza lacrimosa,
o império de doutrinas
que premiam quem descumpre
as regras de convivência
e sacrificam quem vive pelo bem.

Lamento,
já com desesperança,
ter de assistir
a supremacia de teorias
e ficções
que transformam
mentiras hialinas
em verdades de lodaçal.

Chão

Gilberto Osório Resende

D'Agora,
meus pés também
procuram esses passos
porque sabem que sob eles
há mais que chão.

Não há vão
naquilo que é meu céu,
e nenhum esgarço
na inteireza desse véu.

Há de ver que existe fel
em cada palavra malsã
que destoa das cores do dia
faz branca a manhã,
triste e noite.

Gilberto Osório Resende

A morte vem certa
mesmo com a aragem toda
que voeja pródiga
a fartar cada pulmão.

Um passo
e o fim se avista
no precipício
que você forjou.

Nesse voo
o chão será breve,
e para alguns sem céu
nem purgatório
e para outros
nem mesmo inferno.

Gilberto Osório Resende

A luz acesa da esperança,
na noite que só na aparência
escondia as estrelas,
clareia bem mais que as velas
que derretiam na lápide
de um dia funesto,
que só na aparência
se fazia claro,
mas que de verdade
era só um vazio
e uma ausência sem sentido
para quem não pode perder a fé.

Da morte só quero
a ideia que existe
e que é certa;
mas longe –
– que fique bem longe –
para que eu me veja
em tempo de recolher
nos desenhos de cada nuvem
a permissão de seguir sonhando.

Gilberto Osório Resende

Corri menino
nas trilhas
de algodão
no mato
diante da casa
onde vi regados
meus sonhos
tão puros de criança.

Só desejava
ser feliz
e a paz vinha
até no rubro
de um algodão doce.

Vem pleno
o regozijo
agora,
nesta era
em que sou capaz
de compreender
que, de verdade,
o amor é mesmo
isso que se vê
no mel.
Donde o que faço
é querer todo
o favo.

Gilberto Osório Resende

Este livro aberto
tem histórias
que uma vida
inteira não conta

Quanto
mistério
emoldurado
nessas
matizadas
imagens
já à vista de
todos os olhos.

De manto
a esperar,
basta-me
um teu mirar
fronteiro,
eis que
cá longe
já não tenho mais frio.

Gilberto Osório Resende

Digo,
com mira
e razão,
que o que nos põe longe
da ponte de ouro
é mais o corpo
do que alma,
é mais o copo
do que a água
é mais o descaso
que o acaso,
é mais a indiferença
do que o espaço.

Joaquim Cabral Netto

Poemas Sem Pé no Galope Da Juventude

Você que me encara com um sorriso diferente,
de pé no bonde lotado,
Você que me cumprimenta e
quase se assenta ao meu lado,
Como você é feia!

Ausência

Joaquim Cabral Netto

Casa vazia, sem alaridos,
sem sorrisos, nem choro de crianças

Casa sem alma,
sem corpo, sem vida sem luz.

Pedaço da vida sem amor,
Rosto de tristeza nas alegrias da vida.

Joaquim Cabral Netto

O que me importa a batida das janelas,
O ladrar do cão,
O cantarolar da empregada,
Os toques na campainha,
E a buzina dos carros,
Se não tenho você?

Joaquim Cabral Netto

Por que negar a vida,
Quando a vida pulsa dentro de nós?
Por que dizer não, quando o sim
vibra e lateja a cada instante?
Por que fingir, se a fuga
aumenta o desejo de vir?

É preciso sermos nós mesmos,
Sem temor,
Sem angústias,
Sem barreiras.
E por que não ir?
E por que fugir?
E por que negar que queremos?
E por que deixar a vida passar,
sem vivê-la
intensamente,
com quem queremos,
com quem desejamos querendo,
com quem intensamente queremos e desejamos?
Por que?

Joaquim Cabral Netto

Ruas tortas em que brinquei um dia,
Cumes perfumados e ondulados de árvores,
Clube do Fubá,
Boate do Brás.
Papagaios ao vento
e vento nas faces.
Padú,
Quincas,
Pedro Quinto,
Chidonga.
Amigos.
Amores que se foram,
Ilusões que passaram,
Saudade sem fim que ficaram,
Pedras chorando lágrimas de água.

Desfiles arrastados,
estudante orgulhoso,
pela banda,
pelo uniforme,
pelo ginásio inteiro.

As moças a passar, em fileiras de duas,
olhares furtivos,
rápidos,
fugidios,
de viés
mas felizes.

Foi sonho ou verdade?
Terá sido realmente eu?

Joaquim Cabral Netto

Ilusão fugaz,
Lembranças pungentes,
Passado que vem,
Passado que volta.
Já não se pode seguir
E ainda não podes ficar.
Linhas que se cruzam de mansinho,
e que se afastam e se perdem,
E não voltam nunca mais.

Joaquim Cabral Netto

Madalena, aquela noite estava bela.
Jesus, todo chique, com um cravo na lapela,
Seguiu-lhe os passos algo maravilhado
ao som de um tango bem tocado.

Aproximando-se de Madalena Jesus disse:
– Madalena, queres dançar esse tango mavioso
Com o seu Jesus ditoso?
Ela, sem fazer cenas, deixou-se levar pelo enleado par.

Lá pelas tantas, os olhos apenas faiscando a luz.
Madalena uniu seus lábios, nos lábios de Jesus.
E quando a festa terminou, lá se foi
O par brejeiro num fordeco corriqueiro.

foi aí que (quando) um gaiato perguntou:
– Quem são os heróis dessa conquista?
Ela é Madalena Silva, vigarista,
E ele, Jesus de Vasconcelos, Secretário do Partido
Comunista!

Marcos Paulo de Souza Miranda

*Dedico este singelo poema a minha querida e saudosa tia,
professora e madrinha Floripes Miranda de Andrade, responsável,
em grande parte, por minha formação educacional.*



Os floridos ipês, ao surgir da primavera
São cartas ditosas que o chão endereça
Ao azul do céu, que distante espera
Beijos de amor, da estação que começa.

Como o amor é tão grande, que não cabe na carta
Há sobras de amor, de múltiplas cores
E os versos das árvores, que do amor não se fartam
Derramam-se ao chão, em milhares de flores.

Encantada com o amor, entre as flores e o céu
A chuva fininha, no verão tão presente
Como madrinha bondosa, com seu firme pincel
Decora o cenário futuro da gente.

No outono silente, quando as flores descansam
A beleza recôndita no amor fortalece
E no inverno, tão frio, os amores não cansam
Do firme propósito que nunca perece.

E um dia as flores, que saudosas se vão
Partem alegres, não pela última vez
Pois sabem que suas almas se espalham ao chão
E logo se tornam novos Ipês.

Monica Sofia Pinto Henriques da Silva

Meu verso vem do espanto
Meu verso vem do pântano
Que está em mim
Meu verso meu verso
Dói
Demais
Meu verso vem do ódio
Ódio ao tempo
Que não para não para não para
Meu verso vem da impotência
Meu verso vem da dormência
Que está em mim
Meu verso meu verso
Dói
Demais
Meu verso explode
Pasmado
Sofrido
Liberto
De mim.

Monica Sofia Pinto Henriques da Silva

Caem as gotas
Da torneira
Um pouco aberta
Um pouco fechada
Caem as gotas
Do tempo
Um pouco futuro
Um pouco passado
Na escuridão escuto
No escuro vejo que
As gotas caem
Da torneira
As gotas caem
De mim
As gotas caem
Do tempo
o tempo que vai
o tempo que vem
Caem as gotas
Devagar
Irritantes
Gotejando
Tic tac
O tempo
A torneira
O incômodo

Monica Sofia Pinto Henriques da Silva

A mesa grande
A família grande
Vinda de outro lugar
Quadros de outro lugar
Músicas de outro lugar
Sotaques de outro lugar
Telefonemas
Cartas
De outro lugar
De outro lugar
O alimento
De outro lugar
O que alimenta
A alma
De outro lugar
Afetos
Temperos
De outro lugar
Saudades
Lágrimas
Risos
Unidos por outro lugar
Imigrantes
Refugiados
Somos nós

Nós somos
Eu sou
De outro lugar
Eu sou de lá
Eu sou de cá
Eu não sou
De lugar algum

Monica Sofia Pinto Henriques da Silva

Te procuro com ânsia
Nos detalhes nas esquinas
Vasculho nas sombras
Antevejo sinais nas
Palavras nas gotas da chuva
Nas mãos estendidas
Na boca sem dentes que
De barriga vazia
Sorri
Te procuro nas ventanias
Nas cercanias nas lonjuras
Nas saudades nas certezas
Te procuro no consolo
Na dor profunda e aceita
Na paz do olhar que vai
Na vida do olhar que vem
Te procuro em vão
Te procuro tão
Loucamente
Tão sedenta imploro e
Te procuro
Te procuro
Te procuro

Monica Sofia Pinto Henriques da Silva

Ainda me espanto
E o pranto
Teima em descer
Pelas rugas esculpidas
Pelo tempo
E o tempo
Não espanta o espanto
Que teima em vir
E vem
E assombra
E é sombra
Que acompanha
E espanta
Assombro
Sombrio
Ainda me espanto
E o pranto
E o canto
Ainda me espanto

Minha mente padecida

Raquel Pacheco Ribeiro de Souza

Minha mente padecida,
meu espírito fatigado,
meu corpo estremecido,
sonha com o teu ao meu lado.

O tom dos sons e das cores
no meu templo enclausurado,
explode nas paletas da vida,
colorindo meu passado.

Tuas mãos que em mim repousaram,
teus olhos que me fitaram,
teus desejos que me calaram,

Fizeram da história a reescrita,
da pintura, a harmonia bendita,
do querer mudo, o prazer revelado.

II

Contos, Crônicas e "Causos"

Raquel Pacheco Ribeiro de Souza

A aposentadoria nunca foi uma realidade distante para mim. Não que eu a tenha desejado desde quando comecei a trabalhar, aos dezessete anos, mas eu tinha plena consciência de sua importância. Sabia muito bem que um dia ia precisar dela. Eu podia enxergar, do alto de minha juventude em flor, o aceno cansado da velhice, pedindo para parar. E isso salvou minha pátria particular. Foi assim que cuidei, desde cedo, de organizar minha vida de olho em algumas décadas adiante, coisa em que os jovens normalmente não pensam, porque movidos pelo deslumbramento ingênuo do agora e pela ilusão da imortalidade. Felizmente sou daquelas pessoas que sabem que a vida não é sopa e que para viver por aqui da melhor forma, essencial ser prudente, providente, pé no chão quanto à nossa sobrevivência, emocional e material.

Eis que chegou o dia. Depois de anos a fio no serviço público, o desânimo falou alto e me avisou que era hora de pendurar a beca. Tempo contadinho, mês a mês, dia a dia. Tempo suficiente. Pronto! Lá fui eu feliz pedir ao chefe minha saída, sob os olhares incrédulos de alguns. É que para muitos a aposentadoria é uma maldição, para outros uma bênção celestial. No meu caso, a sensação que eu tinha era uma só: fim de ciclo, hora de começar nova fase. Não havia nada que me prendesse àquela vida, que já tinha sido bastante estimulante, mas que agora parecia antiquada, descolada das minhas pretensões atuais.

Que dia.... muitas emoções misturadas, sentimentos embrulhados em papel de presente, num misto de felicidade, ansiedade

e surpresa pelo que sairia dali, depois de aberta a caixa de Pandora. Momento glorioso aquele! A alegria de me desligar tranquila, a consciência do dever cumprido, a paz de ter feito o melhor que dava para fazer, a gratidão por ter exercido a profissão que sonhava em exercer. Enfim, a promissória estava resgatada com louvor. Contas acertadas. Ali ficava muito da minha história de vida, da minha juventude, do ânimo que me moveu um dia e que me fez acreditar que seria possível mudar o sistema, do entusiasmo que me motivou a fazer coisas que hoje julgo dignas de uma alma corajosa. Deixei ali boa parte de mim.

Mas e agora? Como seria viver sem a parte que ficou por lá? É nesse ponto que vem o mais fascinante dessa história. A parte que ficou por lá não me amputou em nada. Nunca me senti tão inteira. O que ficou para trás, ficou porque é esperado que assim seja, já que a vida é mesmo esse movimento de caminhar para frente, deixando sempre algo pelo caminho. Entendi, com o passar dos dias, que somos mais versáteis do que pensamos, que somos vida, enquanto há vida, e que não é o trabalho que governa esse leme, até porque o que há de mais comum é se sentir morto, mesmo trabalhando, independentemente da idade que se tenha. Vi que somos capazes de regenerar nosso espírito por completo, junto com nossas células, e que quanto mais pudermos viver redescobertas e reconstruções, mais fôlego teremos, mais disposição, mais possibilidades também, inclusive para novos e inesperados trabalhos, porque “trabalho” são muitos, são variados, são surpreendentes!

Acabaram-se os dias metodicamente esquadrihados em agendas pesadas, quando tudo era aprisionado por uma previsibilidade entediante. Isso sim é ser metade de si, de suas potencialidades, escravizadas por compromissos que se repetem infinitamente. Agora o dia apenas amanhece. Simples assim. Como vai

ser preenchida a folha da minha agenda, sei eu, mando eu, escolho eu. E nem me venham com as inadvertidas sentenças do tipo “já que você não está fazendo nada...”, porque agora estou séria e permanentemente ocupada comigo mesma e isso é mais do que fazer muito. É fazer tudo! Quanta plenitude, quanta leveza, quanta vida! Eis que hoje eu a posso contemplar de peito aberto. Louvado seja o tempo que nos é colocado nas mãos e do qual podemos usufruir com a liberdade dos alforriados. É isso. Eu me alforriei, rumo à vida, em nova e eletrizante temporada.

Raquel Pacheco Ribeiro de Souza

Trinta e cinco anos depois e estava eu ali outra vez.

Durante a viagem fui pensando no que eu encontraria naquele lugar que já tinha sido tão meu, tão inteiramente familiar e impregnado de mim, mas que hoje soava como um imenso ponto de interrogação, pronto para ser desvendado.

Seria eu capaz agora de reconhecê-lo? A imagem na minha memória, desbotada pelo tempo, estava cristalizada num passado sem nenhuma atualização. Algo como se o relógio do mundo tivesse parado por falta de corda. Como um coração que bate junto com as badaladas, mas que vai diminuindo seu ritmo até que subitamente sossega, por ter chegado a hora da imortalidade. Quantos passados são eternizados na imortalidade da saudade...

Por isso resolvi voltar lá, metade por nostalgia, metade não sei bem por que. Talvez por querer testar minha capacidade de resignação frente à morte das coisas. Estaria eu desafiando minha própria coragem de assistir ao sepultamento de muitas de minhas lembranças? Ou por acaso não seria um duelo interior, provocado por mim, de mim contra mim, num confronto com a fugacidade brutal de tudo?

E assim meu pensamento ia fazendo curvas, junto com a estrada, interrompido às vezes por alguma freada inesperada. No mais, seguimos bem, deslizando pelo caminho, tal qual um fluante tapete mágico, transportando meus devaneios.

Na verdade, não tinha a menor ideia do que seria a versão atual do lugar, e isso me deixava mais ansiosa do que curiosa. Sim, porque curiosidade é algo que passa ao largo do núcleo duro da nossa existência e que, no mais das vezes, resolve-se com uma olhadela, ou com algumas palavras. Curiosidade não mata. Embora tenhamos a mania de usar a expressão “mortos de curiosidade”, a verdade é que para matar, a curiosidade tem que alcançar níveis tão estratosféricos que deixa de ser curiosidade e passa a ser outra coisa.

Já com a ansiedade a situação é bem diferente. Ansiedade adoece e mata. A ansiedade brota do espírito, toca no que é profundo, visceral, não se satisfaz assim tão facilmente, como a curiosidade. Ao contrário dela, a ansiedade muitas vezes não acaba nunca e vai corroendo a gente por dentro, como um sangue envenenado. Ansiedade é da ordem do que incomoda a alma, a curiosidade, do que patina na trivialidade das coisas.

Era uma questão, pois, de ansiedade, no duro. Eu não queria apenas ver as modificações que o tempo teria feito ali, mas encontrar as digitais da minha infância, o genoma da parte alegre da minha vida de menina, encantada com a liberdade de ser eu mesma, sem saber ainda o quanto custaria me afastar daquela criança, que a vida me obrigou a abandonar muito cedo.

Nenhuma notícia, nenhuma foto, nenhum comentário sobre o que teria acontecido com aquela rua, aquela casa, nesses trinta e cinco anos. Seria a rua a mesma, ainda de terra, com seus buracos inundados d'água, que eram pura lama nas chuvas e seca poeirenta no calor, onde eu andava e caía de bicicleta? Será que postes com luz elétrica e seus inevitáveis fios horrorosos foram erigidos em frente das casas como palitos gigantes, enfiando tudo, mas trazendo o conforto da luz em um clique? E água, teriam hoje os moradores da rua, água encanada? E os terrenos

baldios daquele tempo, abrigariam agora casas modernas, casas novas, e outras até mesmo velhas? Afinal, trinta e cinco anos se passaram....

O que cabe em trinta e cinco anos? Sem querer usar o chavão *blasé* de que “é uma vida”, a verdade é que é, sim, uma vida. Trinta e cinco anos é tempo suficiente para se dizer adeus à infância, à adolescência e à boa parte da juventude, ou seja, uma vida vivida, beirando o meio do caminho. Trinta e cinco anos têm mesmo, com certeza, enorme poder transformador.

O que eu conhecia dali era natureza bruta. Ao que teria ela dado lugar com o passar do tempo? No meu íntimo era difícil imaginar mudar o que teria sido criado para não ser mexido. Seria como cogitar dar uma modernizada no quadro da Santa Ceia, ou uma atualizada na escultura do Davi. Quase um sacrilégio! Como pensar em fios, postes, asfalto, cabos de *internet*, energia solar, e outros itens de última geração, em um cantinho tão generosa e naturalmente perfeito?

Fui matutando tudo isso pelo caminho e, por mais que eu pensasse, não dava para prever nada. Cheguei a sentir um pouco de mal-estar com a ideia de que é muito abuso e intromissão descarada mudar-se paisagens que pertencem intimamente a alguém, achacando o patrimônio espiritual alheio, assim sem qualquer constrangimento, assim sem nenhuma sensibilidade.

Atravessada por tantos pensamentos, não me dei conta de que estava por uma esquina. A uma esquina do que me trouxera ali, das minhas memórias, da minha ansiedade aflita, que não dava pistas do que iria acontecer, nem do que teria acontecido. Eis que de repente estava eu outra vez, trinta e cinco anos depois, com os pés fincados na mesma rua, diante da mesma casa.

Um minuto de silêncio. Um fragmento de tempo sem falar nada. Sem pensar nada. Suspensão total dos sentidos. Depois de

um longo encher de pulmões, tomei ar para ver. Contemplei com cuidado cada detalhe. Percebi que tudo estava quase como eu havia deixado, como se minha ausência tivesse sido apenas um ir para voltar logo.

É verdade que a rua era asfalto e postes e construções antes inexistentes. Mas a casa estava lá. A mesma casa, do mesmo tamanho, no mesmo lugar. As paredes externas tinham as mesmas cores. O muro baixo, pintado de branco, ladeado por hibiscos em flor, colorindo de rosa o cenário da entrada, junto com as espirradeiras, cheirando doce. O único portão, por onde passavam pessoas e carros e que lembrava porteira de fazenda, estava lá, no canto esquerdo do muro da frente. As portas e janelas conservavam ainda o tom *vieux chêne*, que eu nunca esqueci.

Só a amendoeira que meu pai plantou estava diferente. A árvore franzina de antes irrompia agora como um gigante no meio do quintal, com sua copa em circunferência, tal qual uma imensa sombrinha verde aberta, protegendo o chão do céu.

Fui tomada pela sensação terna de pertencimento. O retorno a um lugar que foi colo e abraço, num tempo congelado, à minha espera, estirou as cordas bambas da minha alma. Era como abastecer meu espírito do frescor de uma época que foi vento salgado de praia, entardecer queimando o mar, lua em prata nas águas do outro dia.

Aos poucos a fotografia da minha memória foi ganhando pinceladas de cor e ares de novidade, como se eu tivesse nas mãos a versão reeditada de um livro antigo, perfumado de novo. Abro as páginas e leio emoções gloriosas num arroubo de ressurreição.

E a ampulheta da vida recomeçava naquele momento, mais uma vez, a escorrer as areias da praia.

Sylvio Fausto de Oliveira (*in memoriam*)

Quando exercia a Promotoria de Justiça em Frutal/MG, um dia surgiu no Fórum um general de brigada reformado do Exército Brasileiro para receber o seguro de uma parenta, vítima de acidente de carro, que ocorreu na BR/153/ São Paulo - Brasília.

Enquanto o escrivão do crime providenciava o expediente para o recebimento do seguro, general Varjão – era este o nome do militar – se apresentou ao juiz de direito da comarca, depois à minha pessoa, passando horas agradáveis no fórum quando narrava que era amigo particular dos militares no poder, inclusive de Castelo Branco e Costa e Silva, respectivamente Presidente da República e Ministro da Guerra.

Em face das relações com o alto comando da revolução de março de 1964, general Varjão prontificou-se a empenhar-se na promoção do juiz a terceira entrância.

General Varjão e sua senhora gostaram tanto dos ares de Frutal, que prolongaram a estadia na cidade por duas semanas. Nesse meio tempo, um fazendeiro de Frutal ansioso para receber uma vultosa importância referente a um “precatório”, mais que depressa entrou em contato com o general Varjão, rogando-lhe seus préstimos para resolver a pendência financeira junto ao Ministro dos Transportes em Brasília.

Porém, antes de tomar providências, general Varjão manifestou desejo de conhecer a estância Hidromineral de Araxá, sendo prontamente atendido pelo fazendeiro que mandou seu avião levar o general e esposa para passar uma semana hospedado no Grande Hotel de Araxá.

Depois do régio passeio em Araxá, o velho general e esposa uma manhã voaram para Brasília, afirmando que se dirigiam a capital federal para receber o precatório para o fazendeiro. Até hoje o fazendeiro está esperando notícia do esperto general de brigada.

Quando estava veraneando em Frutal, General Varjão gostava de passar a tarde no fórum, na sala do Juízo participando das audiências, que aconteciam sob a direção do juiz de direito.

Uma tarde pouco antes de se realizar uma audiência trabalhista proposta por mim para um empregado rural, lá estava o general Varjão sentado na cadeira estofada esperando o início da audiência.

Era engraçado ver o general aboletado na poltrona. Muito gordo e baixo, pernas curtas, ficava ele sentado com os pés acima do chão, balançando-os como se fosse um pendulo atento ao que se desenrolava na audiência.

Aberto os trabalhos pelo juiz, consultadas as partes – reclamante e reclamado – sobre a possibilidade de um acordo, o advogado do fazendeiro retrucou que não havia possibilidade de um acordo porquanto o reclamante não tinha o menor direito, uma vez que abandonara o serviço na fazenda há mais de dois anos, conforme demonstrava a documentação, que seria confirmada pelas testemunhas.

Quando o juiz mandou o oficial de justiça chamar a primeira testemunha, general Varjão desceu da poltrona e andando em direção ao advogado do patrão, de dedo em riste, aconselhou-o a fazer um acordo, o que era melhor para ambas as partes. Tomado de surpresa pela interferência do abelhudo general, o ilustre advogado do reclamado, sem titubear respondeu:

– Perfeitamente, senhor general. Vamos fazer um acordo.

E dirigindo-se a mim que confesso que fiquei encabulado com a interferência indevida do general, que me perguntou:

– Doutor, quanto o reclamante deseja receber?

– Deis mil cruzeiros – respondi sem entender o que estava acontecendo.

– O senhor propõe quanto, doutor? – General Varjão consultou o advogado do reclamado.

Depois de conversar com o fazendeiro, o advogado fez a sua proposta com palavras submissas:

– Doutor, o reclamado oferece cinco mil cruzeiros.

General Varjão, olhando para mim, interveio novamente:

– Ótimo, o reclamante deve aceitar a oferta, doutor promotor, para evitar uma demanda, porque é sempre morosa.

– Perfeitamente, senhor General – respondi sem titubear, pois a proposta era vantajosa.

E o general virando-se para o juiz, decretou:

– Doutor juiz, o senhor pode homologar o ajuste e encerrar a audiência, pois as partes estão de acordo.

Encabulado com a interferência do general Varjão, o douto juiz homologou o convencionado e encerrou a audiência.

No meu gabinete, em conversa com o advogado do reclamado, indaguei-lhe porque aceitara o acordo e pagara ao reclamante cinco mil reais, quando a prova era toda favorável ao patrão, respondeu-me:

– Ora, doutor promotor, se o general Varjão determinou o pagamento da indenização pelo patrão, ora reclamado, apesar do seu direito líquido e certo, a boa política foi não contrariá-lo, porque ele é membro do Serviço Nacional de Informações, um órgão que fiscaliza a vida de todo mundo e amanhã poderá nos prejudicar.

Sylvio Fausto de Oliveira (*in memoriam*)

Na década de trinta do século passado, entre os distritos do Bogari e Água Quente, no município de Barro Preto, havia uma rivalidade muito grande no futebol. Quando os dois times jogavam entre si, era dia de festa e muita alegria, apesar da ferrenha batalha campal. Durante a partida tinha banda de música, foguetório e brigas entre as fanáticas torcidas. O time de Água Quente, nos últimos anos, era mais forte e levava uma pequena vantagem nas disputas realizadas contra o time do Bogari. Na última vez em que os bairros se enfrentaram no gramado, no dia 15 de novembro de 1931, ocorreu um fato deveras interessante. Na hora do jogo começar, as agremiações na cancha, os dirigentes do Bogari não concordavam com o início da partida, porque no time visitante de Água Quente tinha um jogador apelidado de Irmão, que somente jogava descalço. Não é porque ele atuava sem chuteiras que os próceres do Bogari se negavam a autorizar o chute inicial, mas tão somente porque aludido atleta tinha nos dois dedos dos pés unhas avantajadas, afiadas como uma navalha, que causavam pânico nos beques adversários. Como os dirigentes do Bogari fecharam questão, dizendo que só haveria jogo se o Irmão jogasse descalço e com as unhas à mostra, os dirigentes de Água Quente cederam e o derby teve um começo vibrante e cheio de emoções até quase no fim da partida.

Naquela época, a bola que rolava pelo campo de futebol era diferente das atuais, pois se chamava “bola de capotão,” era confeccionada com gomos de couro, e tinha no seu interior uma câmara de ar com um bico de plástico por onde era inflada. Depois de cheia a câmara de ar dobrava-se o bico, que era intro-

duzido dentro do capotão, através de um orifício, que era fechado com um cadarço.

O jogo entre Água Quente e Bogari foi disputadíssimo, com ataques e defesas sensacionais de ambos os lados. A torcida vibrava com os lances de gols perdidos pelos dois times. O primeiro tempo terminou em zero a zero. Veio o segundo tempo, muito disputado, mas gol que era bom não acontecia. A partida chegava ao fim e continuava empatada, apesar do empenho dos jogadores de ambos os times, que procuravam marcar um tento, premiando assim os torcedores, que estavam frustrados na falta de gol, ponto culminante no jogo de futebol. E o jogo continuava acérrimo. Lá pelos trinta e oito minutos do segundo tempo, quando o empate já se desenhava, quando as torcidas já estavam conformadas, o “center forward” do Água Quente, o famoso e polemico “Irmão” de pés no chão e unhas grandes, recebeu um passe na medida de um companheiro, desvencilhou-se do seu marcador e entrou célere pela grande área adversária, e sentou o pé direito no capotão que, ao sofrer o impacto do chute, estourou no caminho do gol, dividindo-se em duas partes distintas: o capotão entrando na baliza do Cervo, aninhando no fundo das redes; e a câmara de ar voou por cima do travessão da meta adversária. O juiz sem titubear confirmou o gol para o Água Quente. A decisão do arbitro, porém, rendeu um sururu tremendo com os jogadores pressionando o juiz, um lado pedindo a anulação do gol, o outro lado pedindo a confirmação do gol.

Depois de muita discussão, depois de muita briga e xingação entre os dirigentes dos times, na impossibilidade de continuar jogando os minutos finais da partida, o árbitro encerrou o derbi distrital e registrou na súmula o inédito resultado de um jogo tumultuado de futebol: Água Quente = meio gol x Bogari = zero gol.

*Do livro *Peripécias da vida do autor*, Sylvio Fausto de Oliveira.

Sylvio Fausto de Oliveira (*in memoriam*)

A história é a testemunha dos tempos, a luz da verdade, a vida da memória, a mestra da vida, a anunciadora da antiguidade.”

CICERO

Outra arte tramada por Doutor Themistocles Maia, o incorrigível e trocista juiz de direito, que rendeu muita conversa fiada e hilariantes passagens em Torres, foi colocar na cabeça do seu escrevente, Senhor Bonfim Moço, que ia nomeá-lo juiz de precatórias. Esta impossível nomeação visava apenas incentivar o ingênuo escrevente do judicial a continuar fazendo, quase todos os dias da semana pela manhã, com muita eficiência, as audiências de cartas precatórias, através da oitiva de testemunhas, que presenciaram ou sabiam de fatos relativos a um crime ocorrido em outra comarca, desafogando assim o trabalho que era de responsabilidade do Dr. Themistocles Maia, que acumulava as funções de juiz criminal, de menores e de precatórias na comarca de Torres. Em virtude do grande movimento da Vara Criminal, assoberbado de serviços afetos a sua jurisdição, sem meios de prestar a mínima assistência às cartas precatórias, Doutor Themistocles Maia autorizou o seu escrevente, Bonfim Moço, a realizar todo o expediente daquela vara, fazendo as vezes do juiz, convocando um advogado para acompanhar a oitiva das teste-

munhas deprecadas, sem a presença do promotor de justiça sempre ausente. Na parte da tarde, na sala de audiências, após colher as assinaturas do juiz e do promotor nas assentadas e ofícios, o escrevente remetia ao juiz deprecante a carta precatória cumprida pelo juízo deprecado.

Uma tarde, enquanto assinava os termos das precatórias, que foram efetuadas a contento pela manhã, sob o batente de Bonfim Moço, o esperto Doutor Temístocles Maia, objetivando incentivar o seu escrevente a manter a eficiência do trabalho que executava, saiu com esta:

– Estive pensando, vou indicar ao Dr. Anibal Felix, Corregedor de Justiça, o seu nome para juiz de precatórias.

– Mas, eu não posso ser indicado para o cargo, doutor, porque não sou concursado, não sou juiz de carreira. Não resta dúvida que seria ótimo para o desafogo da Vara, porque eu já venho fazendo todo o serviço de precatórias – ponderou Dr. Bonfim Moço na maior ingenuidade, porém, mordido pela mosca azul de que seria designado juiz de precatórias

– Quem disse que é preciso de concurso? Basta ser advogado e ter conhecimentos jurídicos, o que você tem de sobra. E você não é bacharel em direito? Você não leu no Diário da Justiça o meu nome para juiz de precatória? Porventura me submeti a um concurso?

– É verdade Doutor, porém eu não tenho a experiência do senhor? Eu me formei há anos só para ter um diploma de bacharel. Nunca li um livro de direito, nunca assinei uma petição.

– Mas como você é modesto. Você tem muita competência, caro Bonfim, o que é mais importante num magistrado. Você já não vem exercendo com méritos as funções de juiz de precatórias? Como é que você não tem experiência? – incentivou Dr. Themistocles Maia o seu ingênuo escrevente.

– O que tenho de fazer para ser nomeado, Doutor? – indagou Bonfim Moço aceitando a sugestão do Dr. Themistocles Maia.

– Primeiro você deve preparar o seu “curriculum vitae.” Depois você faz um requerimento, abonado por dois juizes da comarca, ao Senhor Corregedor solicitando a sua nomeação para juiz de precatórias de Torres. Assim que você mandar o currículo ao Senhor Corregedor, prometo-lhe que vou bater um papo com Dr. Anibal Felix, que é meu amigo particular desde os bancos escolares. Você já imaginou quando o ato sair publicado no Diário Oficial? – explicou Dr. Themistocles Maia dando corda a ideia que, embora fosse um disparate, começava a se concretizar.

– Doutor, o que significa essa palavra latina?

– Se refere aos seus documentos pessoais, como cópia da carteira de identidade, certidão de nascimento, certificado de reservista, diploma de direito, titulo de escrevente e outros mais que devem acompanhar a petição requerendo a sua nomeação para juiz de precatórias ao Sr. Corregedor de Justiça, com a assinatura de dois juizes de direito.

– O senhor pode pedir a dois juizes seus amigos para abonarem a minha pretensão para eu ser designado juiz de precatórias?

– Como vou atestar para você, será indispensável apenas a assinatura de outro juiz. Deixa por minha conta. Como sou amigo particular do Doutor Anibal Felix, assim que você mandar o pedido com seu “curriculum vitae”, vou conversar com o doutor Corregedor a respeito da sua nomeação.

Com redobrada esperança Bonfim Moço saiu a providenciar os documentos para instruírem o pedido de nomeação de juiz de precatórios. Um dia Doutor Themistocles Maia informou Bonfim Moço que queria dar uma olhadela no seu “curriculum

vitae”, para ver se não faltava nenhum documento, que deviam instruir o pedido ao Corregedor de Justiça. Após conferir os documentos, Doutor Themistocles Maia observou que faltavam atestados de vacinação contra varíola, raiva e tifo, certidões de batismo, de crisma e de primeira comunhão, além dos diplomas de jardim da infância, do Grupo Escolar e curso de datilografia.

Mas, pra que atestados de vacinação de varíola, raiva e tifo, doutor Themistocles? – protestou dr. Bonfim Moço.

– Uai, toda pessoa a ser nomeada para o serviço público, deve provar que foi vacinado, evitando-se assim, que venha amanhã a sofrer quaisquer dessas doenças. Quanto ao diploma de datilografia, trata-se de uma exigência nova do Tribunal, que comprova que o juiz está apto a dar sentenças datilografadas na máquina de escrever.

– Uai, doutor, aqui na Vara Criminal o senhor jamais datilografou uma sentença porque não sabe bater à máquina.

– Nunca manejei uma máquina de escrever, porque não se exigia quando ingressei na magistratura. Mas, hoje é uma imposição justamente para evitar essa falha do juiz ficar na dependência de um datilógrafo como acontece comigo.

– Porventura eu seja nomeado amanhã juiz de precatórias, o senhor terá que arrumar outro escrevente para bater as sentenças, porque não vou dar conta do serviço – lembrou o escrevente.

– De fato, mas nós vamos dar um jeito.

Bonfim Moço esteve na Vila Bela Vista, município de Barro Preto, onde nascera e fora criado procurando as certidões de batismo, e primeira comunhão, pois crismado ele não fora na ausência do bispo de Torres que nunca fizera uma visita pastoral naquele distrito. Quanto ao Jardim da Infância também não conseguiu, porque não havia na Escola Municipal da Vila. O escre-

vente Bonfim Moço tinha uma vaga lembrança de que a sua professora do primário na Escola Municipal da Vila, num domingo fez a primeira comunhão de vários alunos, inclusive a de ele, numa missa, mas o ficou nada registrado como recordação.

O escrevente Bonfim Moço era filho de Benito e Aurora, residentes na colônia da fazenda Bela Vista, município de Barro Preto. Benito Marcusi era imigrante italiano, veio ainda muito jovem e solteiro, na década de vinte, com uma leva de patrícios para o Brasil trabalharem na cultura do café. Alguns anos depois de radicado na terra dos Bandeirantes, Benito Marcusi casou-se com Aurora Amaro, uma cabocla da gema, descendente de índia e português, uma prendada dona de casa. Assim que nasceu o primogênito do casal, Benito Marcusi registrou-o com o prenome Bonfim, numa homenagem a Nosso Senhor, e com o nome de família Moço em deferência aos seus ancestrais do antigo Lácio dos Césares. Porém, o escrivão do cartório de registro civil somente aceitou fazer o assentamento do prenome Bonfim com o nome de família Moço depois que o promotor de justiça autorizou. Outros filhos nasceram. A família permaneceu na roça por muitos anos, inclusive Bonfim, que estudou o primário na escola rural com seus irmãos em número de seis. Em razão da necessidade dos filhos prosseguirem os estudos, Benito Marcusi e Aurora Amaro mudaram-se com a família para Torres. O escrevente da 1ª Vara Criminal da comarca de Torres, Bonfim Moço, formou-se em direito quando já exercia a escrivania da Vara Criminal. Na época em que fora convencido pelo Dr. Themistocles Maia com a história furada de que seria juiz de precatórias, Bonfim Moço tinha sessenta e quatro anos de idade bem vividos, naquela calma franciscana. Era ele um senhor maduro e obeso, de estatura baixa, cútis clara, rosto coberto por uma barba estriada de fios brancos, sem rugas, uma careca luzidia, uma

miopia acentuada que o obrigava a usar óculos de lentes grossas, embora não o impedisse de trabalhar, principalmente quando tinha de ler o que datilografava a pedido do juiz. Nessa hora era muito engraçada, porque Bonfim Moço olhava o papel na máquina de escrever por cima dos óculos. Nunca pensou em casar-se, preferiu manter-se solteiro, morando com a mãe viúva e os irmãos, quatro homens e duas mulheres, que foram casando-se, persistindo Bonfim Moço em casa com a incumbência de cuidar de sua querida Aurora Amaro. Era um espírita convicto, que fazia questão de enaltecer Chico Xavier como sendo um cidadão inteligente, um líder religioso de excelsas virtudes, respeitado e acatado, que psicografava mensagens do além, transmitindo conforto as pessoas sofredoras com a perda de um ente querido. Bonfim Moço era assíduo frequentador da Casa da Amizade, onde Chico Xavier prestava assistência aos necessitados. Era um serventuário de parca inteligência, menos ainda de cultura, pois lhe faltava conhecimentos gerais e básicos de direito, mas era eficiente e capaz no desempenho das funções de escrevente do judicial, bem como muita responsabilidade como juiz de precatórias.

Bonfim Moço era um senhor sistemático e extravagante, mas que tinha nobres qualidades de uma pessoa educada e um serventuário modesto, obediente e serviçal, pois não contrariava o juiz em nada. Era sistemático porque dormia cedo e acordava no dia seguinte de madrugada com as galinhas. Não comia um galeto, porque era só hormônio, pois não tinha cabimento no vigésimo sexto dia de engorda com ração tornar-se um frango. Era extravagante porque só usava terno preto e gravata vermelha na escrivanina. Quando Dr. Themistocles ditava na sentença uma palavra latina, Doutor Bonfim lhe pedia que soletrasse letra por letra para escrevê-la em negrito entre aspas. Outra mania inte-

ressante do escrevente, como se houvesse mania desinteressante, era marcar o palpite na cartela da loteca, mas nunca fazia o jogo, optara depositar o dinheiro da fezinha numa conta poupança na Caixa Econômica Federal. No outro dia, ele conferia o jogo só pelo gosto de ver se teria ganhado, embora nunca tenha feito uma aposta.

– Bonfim, se você acertar um dia na loteria e não levar o prêmio, porque não fez o jogo, na certa você vai morrer do coração – advertiu-o um oficial de justiça.

– De maneira alguma, porque estou sempre preparado para essa surpresa porventura aconteça, apesar de ser quase impossível. Faz anos que faço essa operação mercantil e jamais tive a sorte ou desgosto de ganhar um jogo na loteca – explicou sinceramente Bonfim Moço.

Muitos anos depois de repetir toda semana essa extravagância, um dia Bonfim Moço mostrou sorrindo ao oficial de justiça, que o interpelara no passado, a velha caderneta da poupança da Caixa com uma razoável quantia em dinheiro acumulado e rendendo-lhe juros:

– Tá vendo esta caderneta azul da Caixa? Ao invés de perder dinheiro fazendo a aposta, todas às vezes eu o depositava na Caixa Econômica desde muitos anos, onde hoje recebo dividendos.

O inocente passatempo logo se espalhou, pois doutor Themistocles Maia, o pai do plano sem o menor fundamento da assunção do escrevente a juiz, fazia questão de propalar a boa nova, de solicitar aos advogados, aos serventuários da justiça, aos oficiais de justiça principalmente, aos seus amigos que iam depor em Juízo, o favor de aplaudirem o futuro juiz de precatórias. O escrevente Bonfim Moço, cheio de inspiração e convicção, iniciou a colheita da documentação necessária para instruir o

requerimento ao Doutor Corregedor de Justiça. A novidade correu célere pelos cartórios e corredores do fórum desembargador Teofilo Brito. Com quem palestrasse ou lhe pedisse informações sobre a grande novidade, Bonfim Moço dizia-lhe que seria escolhido em breve juiz de precatórias.

Para dar asas a utopia e deixar o escrevente Bonfim Moço arrebatado com a ideia absurda, Doutor Themistocles Maia comentara com um advogado:

– Doutor, o senhor sabia que o Doutor Bonfim Moço brevemente vai ser nomeado juiz de precatórias?

Não sabia doutor, estou sabendo agora – e virando-se para o escrevente Bonfim Moço, que estava olhando para o teclado da máquina de escrever, todo compenetrado, mas atento ao desenrolar da conversa, o advogado disse-lhe:

– Meus parabéns, Doutor Bonfim. Então o senhor vai ser contemplado com o cargo de juiz de precatórias? Quanta honra, Não se esqueça de me convidar para a posse. Quando vai sair a nomeação?

– Assim que ficar pronto meu “curriculum vitae” vou enviá-lo urgente ao Doutor Corregedor de Justiça, que assinará o ato, que será publicado no Órgão Oficial – redarguiu Bonfim Moço com um sorriso.

Uma tarde, Dr. Eros Palhares, promotor de justiça da comarca de Torres, na sala de audiências, ao se deparar na primeira página do jornal Esquema da vizinha Barro Preto, com uma foto mostrando o meio corpo de um cidadão de terno e gravata, com a seguinte legenda: “o advogado, Dr. Tadeu Mascote, é nomeado juiz da comarca de Barro Preto.” Doutor Eros Palhares, aliado de Dr. Themistocles Maia nessa diversão com o escrevente do juízo, mesmo sabendo que a notícia do jornal estava truncada, mostrou-a a Bonfim Moço, que aguardava ordens para dar

início ao trabalho da vara criminal, dizendo-lhe com uma cara de sério:

– Doutor Bonfim, olha esta foto do jornal Esquema comunicando que o advogado, Dr. Tadeu Mascote, foi nomeado juiz de Barro Preto. Quem lhe disse que você não pode ser juiz de precatórias. Pelo que se vê nos dizeres abaixo da foto, para se tornar juiz de direito é suficiente que o candidato seja advogado. Não precisa nem ser inscrito na OAB.

O escrevente Bonfim Moço olhou curioso para a foto do juiz estampada no jornal, após a leitura da legenda: “o advogado fulano é nomeado juiz”, demonstrou um ar de convicção de que bastava ser “advogado” para se tornar juiz de precatórias.

– Doutor Eros, o senhor me cede este jornal?

– Perfeitamente, doutor Bonfim Moço, que pegou o jornal e o guardou na gaveta de sua escrivaninha.

Pouco depois desse fato adentrou na sala de audiências um velho advogado, a fim de participar da audiência de oitiva das testemunhas do réu. Após cumprimentar o juiz e o promotor, o advogado tomou assento na cadeira da mesa dos procuradores, e voltando-se para o escrevente Bonfim Moço dirigiu-lhe a palavra:

– Boa tarde, Bonfim Moço, qual a novidade do momento?

– O senhor não sabe? – Antes que o advogado falasse alguma coisa Bonfim Moço, todo entusiasmado, completou – Doutor vou ser nomeado juiz de precatórias, muito em breve.

– Mas, como o senhor será nomeado se o senhor não prestou concurso para juiz? Pois que eu saiba você não se submeteu a nenhuma prova para juiz – manifestou o advogado cheio de dúvida.

Bonfim Moço puxou a gaveta da escrivaninha da máquina, pegou o jornal Esquema que falava do advogado nomeado juiz,

enfunou o peito com ênfase, pediu licença ao Doutor Themistocles Maia para sair do seu lugar e foi entregar ao doutor procurador do réu, dizendo-lhe:

– O senhor sabia que não é mais necessário fazer concurso para ser nomeado juiz? Basta apenas que seja bacharel em direito para que o Senhor Corregedor de Justiça assine o ato de nomeação.

O advogado pegou o semanário, leu e releu a matéria na primeira página com muita atenção. Constrangido e envergonhado, o ilustre defensor do réu levantou-se e solicitou ao Doutor Themistocles Maia licença para corrigir o seu engano. Ingenuamente, crente que era mesmo suficiente ser advogado para virar juiz, pediu desculpas ao escrevente e o parabenizou pela iminente distinção ao cargo de juiz de direito, no que foi acrescentado pelo escrevente todo empolado:

– Doutor, juiz de cartas precatórias.

Outra tarde, inconformado com a demora da publicação de sua nomeação, o escrevente Bonfim Moço chegou amuado no fórum, trabalhou sorumbático nas audiências criminais, quase que não conversou. No final da última audiência, Doutor Themistocles Maia o interpelou:

– Meu caro juiz de precatórias, por que essa cara de desanimo? O que foi que aconteceu? O senhor parece que não está de bem com a vida?

– Doutor, vou lhe ser sincero. Estou chateado, desgostoso com meus colegas. Como tem gente invejosa dentro do próprio fórum com o meu progresso. Ao invés de congratular-me, alguns colegas me dizem que não existe cargo de juiz de precatórias, muito menos advogado designado juiz sem fazer concurso de provas escritas e títulos.

– Você parece bobo acreditar nesses colegas, que adoram fofocar. Vou lhe fazer só uma pergunta: Eu sou o quê? – respondeu em seguida Doutor Themistocles – juiz de precatórias nomeado no começo do ano passado pelo Corregedor de Justiça, através de um simples ato. Não me consta que eu tenha feito concurso para juiz de precatórias – esclareceu Doutor Themistocles Maia, objetivando levantar o moral do seu escrevente, que estava impaciente e desconfiado de que a nomeação de juiz era um blefe, porque estava demorando.

Doutor Themistocles Maia visando entusiasmar de novo o seu escrevente, retirou da gaveta da mesa de trabalho uma pasta, que continha nos seus guardados a sua nomeação para juiz de precatórias de Torres, mostrando a Bonfim Moço a página do Órgão Oficial:

– Doutor Bonfim Moço, veja o ato de minha designação para juiz de precatórias assinado pelo Corregedor de Justiça, que vai em breve também assinar o seu ato. Vamos aguardar a sua designação, que é o termo certo para você esfregar no rosto desses pilantras.

Com o passar dos meses, a expectativa e ansiedade de Bonfim Moço de ser nomeado juiz de precatórias eram grandes. Para adiantar o serviço na Vara de Precatórias e animar o candidato a juiz naquela jurisdição, Doutor Themistocles Maia determinou-lhe para assinar em seu nome, como se fosse o juiz, as os termos de oitiva das testemunhas, as assentadas, bem como os ofícios de devolução das cartas precatórias à comarca de origem devidamente cumprida com as homenagens de estilo.

– Doravante, encerrada a audiência, depois de assinar os termos de oitivas das testemunhas, você deve datilografar o ofício de devolução da precatória com os dizeres: “com as homenagens deste Juízo, por ordem do MM. Juiz da Vara estamos

devolvendo a carta precatória devidamente cumprida. Data e assinatura do senhor Escrevente__ Dr. Bonfim Moço, escrevente da 1ª Vara de Precatórias da comarca de Torres.

Depois dessa resolução do Doutor Themistocles Maia, o escrevente Bonfim Moço passou a trabalhar com afinco, com renomado prazer e cheio de entusiasmo, inquirindo as testemunhas como se fosse um autentico magistrado de toga e capelo, dentro do terno preto vincado e grava rubra de seda, sonhando com a nomeação de juiz de precatórias.

O grande mérito do escrevente Bonfim Moço era bater a máquina numa rapidez impressionante, escrever sem olhar no teclado, sem errar uma vírgula, senão raramente. Doutor Themistocles Maia gostava de elogiar o seu serventuário quando ele estava atento registrando na máquina de escrever o interrogatório do réu ou os depoimentos das testemunhas, ou alegações finais orais dos advogados, ou os dizeres de uma sentença ditadas pelo juiz num compasso célere. Quantas vezes com o intuito de agradar o escrevente, que era vaidoso, Doutor Themistocles Maia lhe dizia:

– Doutor Bonfim Moço, como diz o meu promotor, o senhor é uma máquina sobre outra máquina de escrever, graças a celeridade dos toques.

Um fato engraçado que acontecia toda segunda e sexta-feira pela manhã, quando não havia expediente na Vara de Precatórias nesses dias, Bonfim Moço trancava-se na sala de audiência criminal para escrever a máquina as sentenças proferidas pelo Doutor Themistocles Maia, que não admitia acumular serviço. Na hora de encerrar uma sentença, quando o promotor de justiça estivesse ao lado lendo um processo ou livro de direito, Doutor Themistocles Maia levantava-se do seu lugar e exortava o escrevente Bonfim Moço:

– Doutor Bonfim, encerra para mim esta sentença, que é absolutória, enquanto vou tomar um cafezinho na cantina.

Tão logo Doutor Themistocles Maia deixava a sala, o promotor de justiça soprava o final da sentença ao escrevente Bonfim Moço, que datilografava excitado e rápido: “Isto posto, com base na prova torrencial da inocência do acusado fulano de tal pelo crime de furto de uma bicicleta, com fulcro no art. 465, item III, do Código de Processo Penal, julgo improcedente a ação penal proposta pelo Estado contra referido réu, para absolvê-lo da imputação constante da denúncia. Registre-se, intime-se e publique-se.” Meia hora depois, Doutor Themistocles retornava do café ao gabinete e interpelava o escrevente, que aguardava ansioso o pedido.

– Bonfim, leia o final da sentença.

O escrevente tirava o óculos, todo empertigado e com imponência, numa voz empolada, lia o final da sentença como se fosse da lavra de um juiz de direito: “julgo improcedente a ação penal”

Doutor Themistocles Maia, enquanto assinava a sentença, dirigindo-se ao promotor de justiça elogiava o escrevente:

– Doutor Eros, depois dizem que Doutor Bonfim Moço não pode ser juiz de precatórias porque não tem competência. Ele tem competência até demais – com essas palavras elogiosas Doutor Themistocles Maia insuflava o orgulho o seu escrevente.

O simplório escrevente Bonfim Moço ficava todo envaidecido com o aplauso do juiz, convencido de que seria efetivado juiz de precatórias a qualquer momento. O comentário no seio da família forense em torno da pretensão de Bonfim Moço rendia versões favoráveis e contrárias. No Bar do Chumbinho dentro do fórum, a conversa sobre o assunto girava numa indagação: “Será verdade que o Bonfim vai ser nomeado juiz de pre-

catória?” ou em tom de crítica: “Essa história fantasiosa não passa de mais uma maldade do Doutor Themistocles Maia, que gostava de inventar situações hilariantes como essa com seus amigos.”

Aqueles contrários à história de que Bonfim Moço seria designado juiz de precatórias se manifestavam fazendo acerbas críticas com ares de mofa, afirmando que o escrevente jamais seria premiado com o cargo de juiz, porque não tinha cabimento que um serventuário, mesmo que tenha se submetido a um concurso, jamais teria sido aprovado na falta de conhecimentos jurídicos, embora advogado. Para o juiz de direito, Doutor Zizenano do Vale, titular da 1ª Vara Cível, comentava que “a nomeação do Bonfim Moço era uma artimanha do eterno brincalhão Themistocles Maia. Quando Bonfim Moço vier a saber a verdade, tomar ciência dessa ideia estapafúrdia do Doutor Themistocles, ele vai ter uma enorme decepção, que poderá inclusive lhe fazer mal – opinou Dr. Maristel Franco, promotor de justiça. Para o promotor de justiça da 2ª Vara Criminal, Doutor Salvio Nunes, esse divertimento de mau gosto não devia ser feito ao pobre escrevente Bonfim Moço, um senhor de idade que merecia respeito como serventuário exemplar, e não alvo de gincana. Para o promotor Eros Palhares, que trabalhava ao lado do Doutor Themistocles Maia, o autor da arte, a nomeação de Bonfim Moço não visou desmerecer a pessoa do escrevente, mas sim incentivá-lo ao trabalho. Ao saber da censura feita pelo Doutor Salvio Nunes a impossível nomeação do escrevente juiz de precatórias, Doutor Themistocles Maia comentou com Dr. Eros Palhares:

– Sabe por que o dr. Salvio Nunes é contra a brincadeira com o escrevente? Porque na história que inventei sobre os juízes que são rebaixados da função de magistrados a promotor de justiça, porque não prolatam no mínimo trinta sentenças ao mês,

um dos promotores de justiça é o nosso colega Doutor Sálvio Nunes, que um dia foi juiz de direito.

E a notícia da nomeação de Bonfim Moço juiz de precatórias era o assunto do dia no fórum da comarca de Torres. Os advogados que participavam das audiências criminais, assim que ficavam sabendo da notícia, com o objetivo de agradarem Doutor Themistocles Maia, congratulavam-se efusivamente com Bonfim Moço afirmando que ele tinha todas as condições para exercer as nobilitantes funções de juiz de precatórias. Os advogados mal entravam na sala de audiências logo que divisavam Bonfim Moço compenetrado na cadeira em frente da máquina de escrever, aguardando doutor Themistocles Maia para iniciar um interrogatório de réu ou inquirição de testemunhas, e lhe dirigiam a palavra:

Parabéns, doutor Bonfim. Quando vai sair a nomeação para juiz de precatórias? Precisamos fazer uma senhora festa.

O carinho todo especial dos oficiais de justiça por Doutor Themistocles Maia era tão grande que eles, mesmo sabendo que a nomeação de Bonfim Moço era impossível, para agradar o juiz e satisfazer o ego do escrevente, garantiam na maior cara de pau que Bonfim Moço ia ser em breve nomeado juiz de precatórias. E toda vez que um oficial de justiça adentrava a sala de audiências, virava-se para o ingênuo Bonfim Moço e o parabenizava pelo troféu que receberia em breve.

Com o passar do tempo, com medo de que o plano pudesse ir por água abaixo, que o escrevente se desinteressasse de vez da nomeação de juiz, fizesse corpo mole com as cartas precatórias que se avolumavam, uma tarde doutor Themistocles Maia telefonou ao Senhor Corregedor de Justiça, seu colega desde os bancos escolares, solicitando-lhe a fineza de conversar com o escrevente Bonfim Moço e comunicar-lhe que a nomeação de juiz de preca-

tórias estava prestes a acontecer, pois apenas faltavam alguns documentos e algumas certidões, cujas firmas deveriam ser reconhecidas no cartório.

Uma tarde, após a última audiência criminal, o telefone da mesa do Dr. Themistocles Maia tocou. Era o Senhor Corregedor de Justiça que, anteriormente, preparado por Dr. Themistocles Maia para dar um empurrão na nomeação do escrevente Bonfim Maia juiz de precatórias, inclusive incentivá-lo, pediu para falar com ele. Após cumprimentar e conversar com Dr. Themistocles Maia, o Corregedor de Justiça pediu para transferir a ligação ao dr. Bonfim Moço, pois desejava palestrar com ele a respeito do processo de sua nomeação a juiz de precatórias. Doutor Themistocles Maia transferiu o fone ao escrevente, que estava ao lado cheio de expectativa.

– Doutor Bonfim, o Senhor Corregedor de Justiça deseja falar com você.

De pé, em posição de sentido, peito estufado, o fone no ouvido, Bonfim Moço se apresentou ao dr. Corregedor.

– Pronto Excelência. Bonfim Moço, escrevente da Vara Criminal, as suas ordens.

Primeiramente, doutor Bonfim, devo manifestar minha satisfação de estar falando com o futuro juiz de precatórias da comarca de Torres. Estou ligando ao senhor para comunicar-lhe que o ato de nomeação está quase pronto, só faltam alguns documentos que são imprescindíveis para completar o seu currículo, como atestados de vacinas, diploma do jardim da infância, certidão de estagiário da OAB, certidão do curso de magistrado, os quais devem acompanhar o seu requerimento para que possamos providenciar quanto antes a sua designação a juiz de precatórias. Por outro lado, estou devolvendo-lhe algumas certidões cujas firmas não foram reconhecidas, como diploma de datilo-

grafia, funcionário dos correios como postalista, fotocópia do certificado de reservista, diploma da Escola Superior de Guerra. Depois desejo falar com doutor Themistocles Maia parabenizando também pela feliz indicação do seu nome para juiz de precatórias da comarca de Torres.

– Pois não, Excelência. Vou providenciar o reconhecimento das firmas desses documentos tão logo cheguem as minhas mãos. Em seguida retorno as certidões e a carteira de reservista a Vossa Excelência pelo correio para os devidos fins.

– Não mande pelo correio. Na próxima semana estarei aí em Torres para inaugurar a ampliação do fórum da comarca. Aí vou ter o prazer de conhecê-lo, então o senhor me entrega os documentos. Com os documentos regularizados, o senhor pode aguardar para breve a sua nomeação para juiz de precatórias da comarca de Torres.

Na noite da inauguração das novas instalações do prédio do fórum, antes da solenidade começar, palestravam no corredor os doutores Corregedor de Justiça, os juizes Themistocles Maia, Anibal Tales e Renato Breno, diretor do fórum, formando uma roda animada, quando surgiu numa estica de terno preto e a famosa gravata vermelha, o escrevente Bonfim Moço com uma pasta preta de cartolina debaixo do braço. Ao se aproximar dos ilustres juizes, Bonfim Moço pediu licença ao dr. Themistocles Maia, que o apresentou ao doutor Corregedor de Justiça:

– Doutor Anibal Felix, apresento-lhe doutor Bonfim Moço nosso futuro juiz de precatórias.

– Muito prazer, doutor Bonfim. O senhor trouxe os documentos? – cobrou o corregedor de um escrevente fascinado.

– Sim senhor, excelência – respondeu o escrevente, entregando-lhe a seguir a pasta com a documentação.

O Corregedor de Justiça abriu a pasta, folheou algumas páginas, deteve-se nos diplomas e atestados, depois sentenciou:

– Doutor Themistocles Maia, com este curriculum vitae, no máximo dentro de uma semana, mais tardar, doutor Bonfim será designado juiz de precatórias de Torres. Meus parabéns, doutor Bonfim.

O incauto e ingênuo escrevente Bonfim Moço, feliz da vida, pediu licença ao Corregedor e se retirou do grupo de magistrados convicto de que seria indicado juiz de precatórias muito em breve.

Diante da promessa do Senhor Corregedor de Justiça, Doutor Bonfim Moço não tinha mais dúvidas, inclusive, passou a trabalhar com renovada satisfação, desdobrando-se fibra por fibra no seu mister. Quando alguém lhe perguntava quando sairia a nomeação de juiz de precatórias, doutor Bonfim Moço respondia com entusiasmo que era a qualquer momento, conforme lhe prometera pessoalmente o ilustre Corregedor de Justiça.

– Não acredito. Então o Dr. Corregedor de Justiça quando esteve aqui no fórum afirmou que o senhor será juiz de precatórias? É muito prestígio. Quero ver o ato publicado no Diário Oficial para comemorar – declarou o advogado doutor Epaminondas da Silva.

– O doutor Anibal Felix, nosso Corregedor de Justiça, quando esteve aqui inaugurando as novas salas de audiências do fórum, adiantou a Bonfim Moço que ele será designado juiz de precatórias dentro de uma semana – confirmou Dr. Themistocles Maia.

Porém, o tempo transcorria e nada do ato de nomeação de Bonfim Moço sair publicado. Quando um dia um serventuário da justiça, um desmancha prazer, alertou Bonfim Moço que ele

jamais seria nomeado juiz de precatórias, porque esse cargo não existia, o pobre do escrevente caiu numa fossa tremenda. Ao ouvir esse comentário, um baixo astral tomou conta de Bonfim Moço, obrigando dr. Themistocles a lhe chamar a atenção, que revidou amuado:

– Doutor, vou desistir da minha nomeação de juiz de precatórias, porque ela não vai sair, apesar do esforço do senhor. Depois, em breve vou me aposentar, vou embora para casa.

– Não desanime, doutor Bonfim. Não desespere. Agora que está tudo engatilhado, a nomeação pronta para acontecer, em vias de ser inserida nas páginas do Órgão Oficial, o senhor quer desistir? O doutor Corregedor não lhe afiançou de viva voz que, a qualquer momento, a nomeação será publicada? Não, não vou concordar com a sua desistência de forma alguma. A sua nomeação é ponto de honra para mim. Vamos aguardar com muita confiança a publicação do ato. Quem postula sempre alcança, diz antigo provérbio. Amanhã vamos telefonar ao dr. Corregedor.

– É verdade, doutor. Não posso decepcioná-lo nem o doutor Corregedor. Vamos esperar – replicou Bonfim Moço que voltou a trabalhar com esperanças renovadas.

Aguardando a nomeação de Bonfim Moço, cujo ato teimava de não se concretizar, no ano seguinte doutor Themistocles Maia entrou de férias compensatórias. Doutor Marcelo Trinta, aquele juiz muito sisudo, de pouca conversa, que não admitia falar sobre o gracejo do dr. Themistocles, foi designado juiz substituto da 1ª Vara Criminal. Alguns meses de atividade intensa na Vara de Precatórias, o escrevente Bonfim Moço trabalhava com eficiência, mas de cara fechada, porque não podia fazer comentários sobre sua nomeação de juiz de precatórias, uma vez que o juiz substituto não admitia falar nesse assunto. Porém, certa manhã,

quando datilografava os depoimentos das testemunhas referentes a uma carta precatória, ao ouvir num intervalo o juiz substituto reclamar ao advogado que não estava aguentando o volumoso expediente da Vara, Bonfim Moço criou coragem e afirmou:

– Doutor, assim que sair a minha nomeação para juiz de precatórias, o senhor não terá tanto serviço pela frente, pois ficará responsável apenas pelo expediente da 1ª Vara Criminal.

Doutor Marcelo Trinta, um juiz fechado e circunspecto, que não admitia achincalhes e brincadeiras na hora do trabalho, ao ouvir o desabafo do escrevente Bonfim Moço, encarou-o e o admoestou:

– Senhor Bonfim, fique sabendo que não quero ouvir esse tipo de brincadeira que aprontaram com o senhor. Na verdade a sua nomeação de juiz de precatórias não passa de um engodo do meu colega, dr. Themistocles Maia. Há muito que o senhor vem sendo iludido, inclusive, pelo Corregedor de Justiça. Por isso, está expressamente proibido, enquanto eu estiver nesta Vara como juiz substituto, de se tocar nesse assunto sem pé nem cabeça, de tamanha bobice.

O escrevente Bonfim Moço muito envergonhado abaixou a cabeça, fez aquela cara de chateado com a advertência do juiz, mas antes de recomeçar a bater a máquina os depoimentos da testemunha, e pensou com seus botões: “Não adianta o doutor me censurar, porque um dia serei nomeado juiz de precatórias. Aí o doutor vai me pedir desculpa.

Três meses depois de gozar as férias compensatórias, doutor Themistocles Maia voltou ao trabalho, e a primeira pergunta que fez ao escrevente Bonfim Moço foi sobre a nomeação de juiz de precatórias.

– Bonfim Moço a sua designação não saiu até hoje? O que está acontecendo? Vamos falar com o doutor Marcelo.

O escrevente contou ao dr. Themistocles, que o juiz substituto quase lhe bateu quando disse que aguardava a nomeação de juiz de precatórias. Doutor Themistocles Maia protestou contra a interferência indevida do seu colega, que deveria apoiá-lo, nunca espezinhá-lo.

– Vamos telefonar para o Corregedor para saber o que está acontecendo.

– Doutor Marcelo que houve com a nomeação do dr. Bonfim para juiz de precatória? Conforme combinamos há meses, estava tudo pronto. Houve algum imprevisto.

– Não houve nenhum imprevisto. O processo segue os trâmites legais. Vários departamentos devem emitir parecer sobre a nomeação. No departamento etário, que analisa a idade do candidato, ficou obstado porque o dr. Bonfim tem mais de sessenta anos de idade, e a lei determina que a idade limite para ser juiz é de até cinquenta anos incompletos. Como prometi a você a nomeação do dr. Bonfim, entrei com recurso junto ao Conselho Superior da magistratura para reverter esse dispositivo, alegando com base na lei que funcionário público que não tem idade para mudar de função.

– A nomeação então embananou por causa da idade do dr. Bonfim Moço?

– Foi isso que impediu o andamento do processo. Doutor Themistocles, por obsequio, passe esse imprevisto ao Dr. Bonfim. E vamos aguardar a decisão do Conselho da Magistratura.

– Vamos aguardar a decisão do Conselho da Magistratura, que deverá ser favorável a nossa pretensão, porque a lei diz claramente que funcionário público não depende na ativa não depende de idade para mudar de função, basta ter menos de setenta anos de idade.

Como não há mal nem bem que sempre dure, já diziam os antigos, não tardou que um promotor de justiça de uma comarca paulista notasse a irregularidade praticada pelo escrevente Bonfim Moço na carta precatória daquela comarca cumprida em Torres. O promotor de justiça paulista requereu ao juiz da comarca que se oficiasse ao senhor Corregedor de Justiça do Estado das Alterosas solicitando providencias contra o presunçoso que passava pelo juiz de direito da 1ª Vara Criminal da comarca de Torres, assinando em nome de ele as assentadas, os termos e ofícios, conforme fotocópias da precatória. Quando o ofício chegou as mãos do Corregedor de Justiça, doutor Anibal Felix telefonou furioso ao juiz Dr. Themistocles Maia, despican-do-lhe porque o colocara em situação difícil ao autorizar seu escrevente a fazer as audiências e assinar os termos, enviando a seguir a carta precatória a comarca de origem, através de ofício assinado pelo próprio escrevente em nome do juiz. – Um absurdo, doutor –, concluiu o Corregedor, informando o juiz que requisitaria imediatas providencias. Doutor Themistocles Maia, muito perspicaz, aceitou a critica, ou melhor, aceitou o puxão de orelha do Corregedor, prescrevendo em seguida a abertura de inquérito contra o escrevente Bonfim Moço para se apurar responsabilidades. Tão logo a requisição do Corregedor de Justiça chegou as mãos do dr. Themistocles Maia, este mandou abrir vista ao promotor de justiça da Vara Criminal. Doutor Eros Palhares entendeu que seu colega paulista não deveria ter tomado nenhuma providencia, porque a corda sempre rebenta para o lado mais fraco, no presente caso, ia rebentar contra o escrevente Bonfim Moço. Com base nesse entendimento, dr. Eros Palhares proferiu um longo parecer, no qual afirmou que o escrevente não usurpara nem exercera nenhuma função judicial, razão pela qual não vislumbrando nenhuma infração penal, opi-

nava pelo arquivamento da requisição. Doutor Themistocles Maia acolheu o parecer do promotor de justiça, ordenando em seguida o arquivamento da requisição oriunda da Corregedoria de Justiça. O escrevente Bonfim Moço sem saber do quiproquó que causara a sua ação no exercício de fato das funções de juiz de precatórias, continuou a fazer as audiências das cartas precatórias, mas apenas tomando os depoimentos das testemunhas e, posteriormente colhendo as assinaturas do juiz da Vara Criminal e Precatórias em todos os termos das cartas, inclusive o ofício de devolução.

Por último, doutor Themistocles Maia determinou que não se tocasse mais no assunto de juiz de precatórias, porque o Corregedor de Justiça comunicou-lhe que o Conselho Superior da Magistratura indeferiu o apelo, porque na Lei Orgânica da Magistratura é claro ao dizer que a idade limite para ser nomeado juiz é trinta e cinco anos de idade. O escrevente Bonfim Moço aceitou a decisão com resignação, tanto é que não se tocou mais no assunto, até que caiu num esquecimento total a ideia de ser um dia juiz de precatórias. Ao completar setenta anos de idade, cansado de trabalhar, de bater à máquina, de datilografar na máquina da sala de audiência como se fosse outra máquina, Bonfim Moço requereu a aposentadoria compulsória e retirou-se para sua casa. No Fórum não se falou mais na nomeação do escrevente Bonfim Moço juiz de precatórias, postulação que caiu num total esquecimento.

III

Críticas e Comentários Literários

Luiz Carlos Abritta

A obra mais importante de Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha, “Os Sertões”, publicada em 1902, contém em seu bojo, como parte essencial, os acontecimentos da Guerra de Canudos (1896-1897), liderada por Antonio Conselheiro, cujo nome completo é Antonio Vicente Mendes Maciel (1830-1897).

Euclides, ou mais precisamente, Euclides, descreve, ainda, o ambiente do sertão, a seca, a luta dos homens para sobreviver e os costumes do sertanejo.

A Guerra de Canudos, a Campanha de Canudos, ou, simplesmente, a Revolta de Canudos, conseguiu projetar-se como um fenômeno mundial. Primeiro, porque foi um movimento popular de grandes proporções para a época, com forte conotação espiritual. Segundo, porque transformou Euclides, “obscuro engenheiro, no consagrado escritor Euclides da Cunha”, como anotou Francisco Sodero Toledo em seu livro “Doutor Euclides” (Toledo, Francisco Sodero, “Doutor Euclides”, 2ª ed. modificada, julho de 2017, p. 169). Terceiro, porque um dos maiores escritores mundiais, Vargas Llosa, escreveu impressionante obra sobre Canudos, que se transformou em filme, com o título “A guerra do fim do mundo”. Quarto, porque o famoso escritor húngaro Sandor Marai ficou impressionado com a obra, que leu na tradução inglesa, terminando a leitura extasiado e quis escrever o que ele acreditava ter ficado “de fora” do livro. Publicou ele, então,

¹ Cadeira n° 82 do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. Patrono : Senador Levindo Coelho.

“Veredicto em Canudos”, que Milton Hatoum anota ser a obra, ao mesmo tempo, um alento e um desafio, pois “o impossível é a única coisa em que vale a pena acreditar”. Quinto, porque Machado de Assis, o nosso maior escritor, embora de forma tímida e não muito explícita, reconheceu o valor de Antônio Conselheiro, conforme se comprova pela crônica publicada no *Jornal do Comércio do Rio de Janeiro*, transcrito na apresentação de Pedro Lima Vasconcelos para os “Apontamentos dos preceitos da divina lei de nosso senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens”/Antonio Conselheiro. - 1ª ed. - São Paulo, 2017 - Apresentação, transcrição e notas explicativas de Pedro Lima Vasconcellos - p. 7). Sexto, porque a saga não terminou, pois o descobrimento de manuscritos de Antonio Conselheiro, no livro acima citado, poderá trazer novas luzes para o esclarecimento dos fatos comentados, como acentua Pedro Lima Vasconcellos.

Os documentos encontrados por Pedro Lima Vasconcellos, inseridos no livro de autoria dele, intitulado “Arqueologia de um monumento – os apontamentos de Antonio Conselheiro” são preciosos, principalmente porque desfazem aquela imagem de que o Conselheiro era bronco, pois ficou comprovado que a cultura dele, Conselheiro, situava-se acima do nível normal daquela época. Precioso também é o prefácio de Leandro Carnal. Leandro cita, inicialmente, um trecho dos apontamentos, com ortografia atualizada, “*verbis*”:

“Deus é paciente, diz Santo Agostinho, porque é Eterno. Mas depois dos dias de paciência virá o dia da Justiça, dia tremendo, dia inevitável; em que todos os homens comparecerão diante do Reino da Eternidade, para darem conta de suas obras, e até de seus pensamentos. Transportai-vos em espírito a esse momento formidável: eis que o pó dos túmulos se comove; e de toda parte a multidão dos mortos corre aos pés do Supremo Juiz.

Ali todos os segredos se descobrem, a consciência já não tem trevas, e cada um espera em silêncio a sorte que lhe está reservada para todo sempre. É para espantar que seja necessário dizer continuamente ao homem: Pensa em tua alma, o tempo foge, vem chegando (obra citada, 1ª ed., São Paulo: “E Realizações, 2017, p. 14 e 15”).

Comentando mencionado texto, Leandro Carnal observa que “É uma peça que mistura a Patrística com as escrituras. É um ‘Dias Irae’ e uma leitura do trecho de Mateus 25. Há um pouco do afresco do Juízo Final de Micheangelo na Capela Sistina, um pouco da advertência das missões populares daquele momento, um traço de espiritualidade joaquimita e um advento da terceira idade, a do Espírito Santo, que ressignificaria o mundo e suas injustiças. Existe o apelo ultramontano ao indivíduo e seu arrependimento, não apenas a dimensão do Juízo geral, mas também do particular e único. Fala da adesão consciente dos exames de consciência pregados por jesuítas nos seus exercícios e a sensação de culpa das impactantes pregações capuchinhas no Nordeste. É o século XVI e o XIX, teológico e de devoção popular, explosão mística e enumeração teológica. Se as elites urbanas da capital viram no Conselheiro o brasileiro arcaico, o texto **parece indicar um homem letrado acima da média e fruto de todo o processo colonizador e missionário do Brasil.** (grifos meus). Teria o Conselheiro consciência de tudo isso ao escrever extraordinária que o talento de Pedro Lima Vasconcellos trouxe à tona? Tudo isso pode ser debatido, mas, sem dúvida, desde que seu corpo foi desenterrado após a tragédia de 1897, talvez seja a maior exumação do cadáver do homem que tremeu a jovem República. Pela primeira vez e de forma impactante, entramos na cabeça do homem santo de Canudos. Como convém a toda grande descoberta documental, sem esta peça, o mosaico dos

episódios de então não seria completo. Todos os estereótipos que dominaram a opinião urbana sobre o movimento foram deslocados. Se o verdadeiro é um sonho interdito aos historiadores contemporâneos, o verossímil ganhou muito com esta publicação. O arraial santo foi destruído e depois alagado. A obra de Vasconcellos revive a estratégia e sua personagem central. O sertão virou mar, enfim.” (p. 14 e 15 da obra citada).

A visão de Euclides sobre o Conselheiro não era essa. Ao contrário, definia-o como “truresco” e “pavoroso”. “Ele ali subia e pregava. Era assombroso, afirmam testemunhas existentes. Uma oratória bárbara e arrepiadora, feita de excertos truncados das HORAS MARIANAS, desconexa, abstrusa, agravada, às vezes, pela ousadia extrema das citações latinas; transcorrendo em frases sacudidas; misto inextrincável e confuso de conselhos dogmáticos, preceitos vulgares da moral cristã e de profecias esdrúxulas... Era truanesco e era pavoroso. Imagine-se um bufão arrebatado numa visão do Apocalipse...” (OS SERTÕES, p. 274). E mais adiante: “Espécie de grande homem pelo avesso, Antônio Conselheiro reunia no misticismo doentio todos os erros e superstições que formam o coeficiente de redução da nossa nacionalidade. Arrastava o povo sertanejo não porque o dominasse, mas porque o dominavam as aberrações daquele. Favorecia-o o meio e ele realizava, às vezes, como vimos, o absurdo de ser útil. Obedecia à finalidade irresistível de velhos impulsos ancestrais; e jugulado por ela espelhava em todos os atos a placabilidade de um evangelista incomparável.” (obra citada, p. 283/284).

Pedro Lima Vasconcellos, por seu turno, observa que, se Euclides tivesse acesso aos documentos ora encontrados, a sua visão sobre o Conselheiro seria outra.

Como afirmei, Machado de Assis reconheceu o valor de Antonio Conselheiro, na crônica que publicou, já mencionada e que merece ser transcrita.

“Que Conselheiro? O Conselheiro.
Não lhe ponha nome algum, que é sair
da poesia e do mistério. (MACHADO DE ASSIS)

“Conheci ontem o que é celebridade. Estava comprando gazetas a um homem que as vende na calçada da Rua de S. José, esquina do Largo da Carioca, quando vi chegar uma mulher simples e dizer ao vendedor com voz descansada - Me dá uma folha que traz o retrato desse homem que briga lá fora. - Quem? - Me esqueceu o nome dele. Leitor obtuso, se não percebeste que ‘esse homem que briga lá fora’ é nada menos que o nosso Antônio Conselheiro, crê-me que és ainda mais obtuso do que pareces. A mulher provavelmente não sabe ler, ouviu falar da seita dos Canudos, com muito pormenor misterioso, muita auréola, muita lenda, disseram-lhe que algum jornal dera o retrato do Messias do sertão, e foi comprá-lo, ignorando que nas ruas só se vendem as folhas do dia. Não sabe o nome do Messias, é ‘esse homem que briga lá fora’. A celebridade, caro e tapado leitor, é isto mesmo. O nome de Antônio Conselheiro acabará por entrar na memória desta mulher anônima, e não sairá mais. Ela levava uma pequena, naturalmente filha; um dia contará a história à filha, depois à neta, à porta da estalagem, ou no quarto em que residirem. Esta é a celebridade. Outra prova é o eco de Nova Iorque e de Londres onde o nome de Antônio Conselheiro fez baixar os nossos fundos. O efeito é triste, mas vê se tu leitor sem fanatismo, vê se és capaz de fazer baixar o menor dos nossos títulos. Habitante da cidade, podes ser conhecido de toda a Rua do Ouvidor e seus arrabaldes, cansar os chapéus, as mãos, as bocas dos outros em saudações e elogios; com tudo isso, com o teu nome nas folhas ou nas esquinas de uma rua, não chegarás ao poder daquele homenzinho, que passeia pelo sertão, uma vila,

uma pequena cidade a que só falta uma folha, um teatro, um clube, uma polícia e sete ou oito roletas, para entrar nos almanques.” .

Antonio Conselheiro conseguiu abalar as bolsas de Londres e Nova Iorque e nós não conseguimos derrubar os mais modestos títulos. Machado tinha razão.

Deixo aos historiadores de maior fôlego a missão de pesquisar e, quem sabe, espargir mais luzes sobre Canudos, assunto ainda não esgotado.

REFERÊNCIAS

- CUNHA, Euclides. Os sertões-Campanha de Canudos. São Paulo: Ateliê Editorial, SESI-SP editora, 2018, 5ª ed. revista e ampliada.
- TOLEDO, Francisco Sodero. Doutor Euclides. São Paulo: UK'A Editorial. 2010. 2ª ed. modificada em julho de 2017.
- VASCONCELOS, Pedro Lima. Arqueologia de um monumento- Os apontamentos de Antonio Conselheiro. São Paulo: É Realizações. 2017, 1ª ed.
- CONSELHEIRO, Antonio. Apontamentos dos preceitos da divina lei de Nosso Senhor Jesus Cristo, para a salvação dos homens. É Realizações. 2017. 1ª ed,

IV

*Ensaio e Artigos Históricos,
Literários e Monólogos*

Henrique da Cruz German

Vou pela sombra

Vou pela sombra, agora que quase nada mais enxergo; vou pela sombra, agora que já quase não posso ler o texto que desliza sob os meus dedos diante dos meus olhos mortos. Sigo envolvido na sombra que conhecia, que esperava, que temia, pela qual já mesmo ansiava, curioso, morbidamente curioso.

A sombra que me assombrava e que quis ocultar do mundo, talvez para escondê-la de mim próprio.

A sombra que me enegrecia os dias, que me clareava as noites e que sempre foi o espanto, o terror da minha vida.

A sombra que me atemorizava e envergonhava, a sombra da minha fraqueza, da minha inferioridade, da minha doença, da minha carência, meu calcanhar de Aquiles, meus cabelos tosados do Sansão que eu nunca fui.

A sombra que me ocultava as pessoas, os caminhos, os carinhos, segredo meu, que eu guardava como tesouro, como se alguém ma quisesse ou pusesse roubar. A Deus, porém, muitas vezes pedi que a levasse, que a afastasse de mim, que meus olhos ficassem em paz, normais... jamais... a sombra cresceu, amadureceu, floresceu, cobriu o mundo inteiro, tremenda.

A sombra que eu ocultava agora é vista por todos, apontada, comentada, discutida; por alguns é até lamentada. Lamentam por mim. Lamentam a minha falta de sorte. Doença assim, melhor a morte. Eu mesmo, contudo, que um dia também preferira o escuro da morte ao da vida, na revolta do desespero da luz que sumia, vi de repente na sombra uma outra sombra.

Bem não vi, senti, senti no fundo da alma uma sombra de oásis, sombra fresca, benfazeja, com direito a brisa e a farfalhar de folhagens: o vento suave do amor delicado, aquele que Deus Nosso Senhor dá aos que O procuram.

Hoje eu mesmo grito a sombra, não me escondo nela nem dela. Quase a mostro orgulhoso, cicatriz enorme que me cobre a cara, mas não me deforma. Cicatriz brutal de brutal batalha. Batalha vencida, renhida, acabada, a paz finalmente instalada.

Paz celebrada na mão segura de minha Inês, flor amada da vida minha, na sua voz e no seu riso, na sua presença e na sua força. Doce e feroz Inês. Paz celebrada nos braços dos meus filhos, no carinho dos seus gestos e palavras. Paz celebrada no meio da minha família, sombra que engole a sombra. Manto de Nossa Senhora, sombra boa que ofusca a má, sombra de Deus neste mundo, descanso para mim, alegria para todos, derrota para a escuridão. Salvação.

Belo Horizonte, em julho de 2019

Apontamentos históricos sobre a sedição de Vila Rica e seus principais personagens

Marcos Paulo de Souza Miranda

A terra parece que evapora tumultos; a água exalta motins; o ouro troca desaforos; destilam liberdade os ares; vomitam insolências as nuvens; influem desordem os astros; o clima é tumba da paz e berço da rebelião; a natureza anda inquieta consigo, e amotinada lá por dentro, é como no inferno.

Conde de Assumar, 1720.



1. INTRODUÇÃO

Passados exatos três séculos, a Sedição de Vila Rica ainda está, a nosso sentir, a reclamar maiores estudos por parte dos historiadores, pois ainda é pouco o que se sabe sobre seus principais personagens e suas circunstâncias, se a compararmos com outros movimentos insurgentes ocorridos em Minas Gerais no século XVIII, notadamente a Inconfidência Mineira.

A historiografia tem dado especial ênfase às figuras de Pascoal da Silva Guimarães, que seria o principal cabeça da conjura, e a Filipe dos Santos Freire, que teria sido o único a pagar, com a própria vida, as consequências da afronta à autoridade do Conde de Assumar.

Não descartamos o protagonismo de ambos. Entretanto, de início, duas observações mostram-se necessárias.

Para além de Pascoal da Silva Guimarães, também foram considerados cabeças do movimento e remetidos presos, inicialmente para o Rio de Janeiro e, posteriormente, para Portugal (1722), Manoel Mosqueira da Rosa, Sebastião da Veiga Cabral, Antônio Nunes Reis, José Peixoto da Silva, José Ribeiro Dias, João Ferreira Dinis, Antônio de Figueiredo Botelho, Manoel Moreira da Silva e Frei Francisco do Monte Alverne.¹

Para além de Filipe dos Santos Freire, os documentos indicam² que Tomé Afonso Pereira também foi preso pelo Tenente José de Moraes e condenado à morte pelo Conde e executado em Vila Rica.

Tomé, considerado “a mais perniciosa pessoa de todas que entravam na revolta”, era próximo a Filipe e no ano de 1720 respondia a proceso por dívida de trezentas oitavas de ouro perante a Justiça de Vila Rica, o que talvez possa ter motivado de alguma forma a sua insatisfação³. Aliás, a condição de devedor é comum a boa parte dos implicados na conjura, o que precisa ser melhor apurado, podendo gerar novos olhares sobre a motivação do movimento⁴.

Nestes breves apontamentos pretendemos, sobretudo, trazer novas informações sobre a biografia dos dois principais personagens da conjura, colmatando algumas lacunas até então não superadas pela historiografia.

Ocorrida em meados de 1720, a chamada Sedição de Vila Rica pode ser definida como um movimento insurgente que

tinha como ânimo a oposição à criação das casas de fundição do ouro em pó em Minas Gerais, tarefa que, determinada em Lei do ano anterior, incumbia ser colocada em prática pelo Conde de Assumar, recentemente enviado como Governador ao território mineiro e que se envolveu em desavenças com os potentados e administradores locais, gerando forte descontentamento no seio da elite ouro-pretana de então.

2. PASCOAL DA SILVA GUIMARÃES

De acordo com nossas pesquisas, Pascoal da Silva Guimarães foi batizado na Paróquia de Nossa Senhora de Oliveira da Vila de Guimarães, Portugal, em quatro de abril de 1673, filho de Belchior Rodrigues e de sua mulher Margarida da Silva, sendo seus padrinhos o Cônego Gaspar da Fonseca Gois e Ana Correia, mulher de Jerônimo de Mattos⁵.

Ainda jovem, dirigiu-se para o Brasil, passando a residir no Rio de Janeiro, onde se casou em 22 de janeiro de 1696, na Igreja da Candelária, com Isabel da Costa, natural do Rio de Janeiro, filha de João Álvares de Souza e de Valéria Cordeiro⁶. O sogro de Pascoal era português e a sogra natural do Rio de Janeiro, descendente de família de grande reputação naquela cidade. João Álvares de Souza serviu como funcionário público na capitania do Rio de Janeiro por mais de vinte anos (1682-1705), ocupando diversos cargos, entre os quais o de escrivão dos Defuntos e Ausentes, partidor e avaliador, e escrivão da Correição e Ouvidoria Geral⁷.

Mudando-se em seguida para Minas Gerais, onde foi dos primeiros moradores, Pascoal da Silva Guimarães tornou-se comerciante abastado, opulento proprietário rural na região de Sabará e grande minerador em Vila Rica, onde tinha sua casa do

Morro do Ouro Podre, que também era conhecido como Morro do Pascoal, tamanha a sua influência e extensão de propriedades naquela porção de Ouro Preto, adquiridas de um antigo sertanista natural de São Paulo.

No Morro, Pascoal deu início à extração aurífera com base nos métodos utilizados na América Espanhola, revolucionando a tecnologia de se buscar o precioso metal nas Minas Gerais.

Como produtor rural, alegando ter mais de trezentos escravos e pretendendo botar matos virgens abaixo, por suas roças estarem cansadas, Pacoal da Silva Guimarães obteve sesmaria em 16 de abril de 1711⁸.

Na área militar, Pascoal alcançou diversos postos de relevo.

Em 20 de março de 1708, considerado como “hu dos momens principais e afazendados naquelas Minas” foi nomeado Sargento-Mor das Minas de Ouro Preto e seus distritos, cargo que ocupava quando da Guerra dos Emboabas, ocasião em que demonstrou apoio ao Governador Antônio de Albuquerque para restabelecer a paz na região.

Em 02 de junho de 1711 recebeu a patente de Mestre de Campo do Batalhão de Auxiliares das Minas de Ouro Preto.⁹

Em 08 de julho de 1711, estando entre as pessoas principais do Arraial de Ouro Preto, foi um dos signatários do termo de ereção da Vila Rica e eleito para o importante cargo de Vereador.

Ao seu redor moravam vários de seus familiares, como o filho João da Silva Guimarães e o concunhado Capitão Domingos Francisco de Oliveira, natural de Chamusca, Portugal, guarda-mor das Minas de Ouro Preto, Antonio Dias e Morro (depois chamado da “Queimada”), por provisão de 10 de novembro de 1718, casado em 05 de janeiro de 1705 com Ignacia de Sousa, natural do Rio de Janeiro, freguesia de Candelária, filha de João Alvares de Sousa, natural do Porto, freguesia de São Nicolau, e

de sua mulher Valeria Cordeiro, natural do Rio de Janeiro, de distinta família daquela cidade¹⁰, com quem teve nove filhos. Faleceu em 09 de setembro de 1753, sendo sepultado na Matriz de Antônio Dias. Em sua casa, no Morro, havia uma Capela dedicada a Nossa Senhora da Penha de França¹¹.

Tamanha a abastança de Pascoal que ele tinha, no Morro, o Frei Montalverne para lhe prestar particular assistência religiosa, bem como uma Capela, onde inclusive batizados de seus parentes e amigos eram realizados.

Em 08 de dezembro de 1710, por exemplo, na “Capella do Mestre de Campo Paschoal da Silva Guimarães” o Pe. Domingos Fernandes batizou José, filho de Domingos Francisco de Oliveira e Inácia de Souza. Foram padrinhos Pascoal e sua mulher, que eram tios da criança¹².

O poderio de Pascoal era de tal ordem que, em 28 de agosto de 1717, quando o Conde de Assumar estava de viagem para as Minas, o Mestre de Campo foi recebe-lo pessoalmente com um comboio em Cubatão, acompanhando o Governador até Ouro Preto, onde teve a honra de receber Assumar em sua casa no dia 15 de dezembro, quando foi visitar a esposa de Guimarães.¹³

3. FILIPE DOS SANTOS FREIRE

Entre os personagens do motim, Filipe dos Santos Freire, por ter sido um dos únicos a tramar a morte do Conde de Assumar, inclusive estabelecendo senha para o ato¹⁴, sofreu a pena máxima, após ser sumariamente julgado e condenado pelo próprio Conde. Foi enforcado, arrastado pelas ruas de Vila Rica e esquartejado “para o horror dos mais Régulos”¹⁵ em junho de 1720.

Segundo a sentença condenatória, a cabeça do insurrecto deveria ser pregada no pelourinho de Vila Rica e seus quartos

nas localidades de Cachoeira, São Bartolomeu, Itabira (atual Itabirito) e na Passagem do Ribeirão Abaixo¹⁶.

A historiografia muitas vezes se refere a Filipe dos Santos como um simples e pobre tropeiro, sem condições sociais ou financeiras para ocupar qualquer papel de maior relevo no movimento rebelde.

Entretanto, a análise detida de um documento lavrado em Vila Rica no ano de 1722 revela que Filipe era proprietário de quantia expressiva de bens (incluindo dois imóveis, roupas refinadas, escravos e créditos) que, ao todo, somava a importância de 1.501 oitavas de ouro¹⁷.

Certamente a fim de tomar medidas judiciais em Portugal para recuperar a meação de seus bens, Dona Teresa Maria Caetana, mulher de Filipe, requereu que lhe passasse certidão dos bens deixados pelo falecido. Para as providências no Brasil, Dona Teresa nomeou como procuradores os mercadores Nicolau Duarte Machado, Manoel Luiz Lessa e Domingos Rodrigues Moreira, residentes no Rio de Janeiro.

Quanto aos aspectos familiares, levantamos que Filipe foi batizado em 15 de janeiro de 1678 na Paróquia de São Vicente de Alcibideche, Conselho de Cascais, Portugal, e era filho de João Vicente e Maria Ferreira¹⁸. Residindo em Lisboa, Filipe casou-se em 02 de agosto de 1701 na Freguesia de São Sebastião da Pedreira, com Teresa Maria, filha de João Correa e Maria dos Santos, sendo a noiva natural da Freguesia de São Paulo daquela cidade¹⁹.

As fontes arquivísticas citadas desmentem, portanto, a afirmação feita por Boxer, e repetida rotineiramente pela historiografia nacional, no sentido de que Filipe era natural da região do Minho, no Norte de Portugal.²⁰

Atendendo ao requerido pela esposa do finado, em 04 de fevereiro de 1722 Antônio Rodrigues de Sá, então escrivão das

execuções de Vila Rica, verificou que correram oito arrematações em desfavor dos bens deixados por Filipe dos Santos em Vila Rica, passando a enumerá-las.

Abaixo, transcrevemos os principais dados dos processos, segundo a ordem constante da certidão:

- 1) 10-01-1721 – Antônio Lopes de Leão arrematou a escrava Francisca Mina por 161 oitavas de ouro, em execução movida por Manoel Dias de Meneses.
- 2) 05-12-1720 – em execução movida por Manoel Dias de Meneses, Inácio Ribeiro Machado arrematou um rancho coberto de telhas, situado na “Rua detrás da Igreja” por 173 oitavas de ouro;
- 3) 12-12-1720 – O exequente Bartolomeu Azevedo arrematou os escravos João Banguela e José Cambú por 335 oitavas de ouro;
- 4) 12-12-1720 Em execução de Manoel Dias de Meneses, Bartolomeu arrematou o escravo Manoel Mina, “bastante idoso e com seus achaques” por 60 oitavas de ouro.
- 5) 06-09-1721 - em execução movida por Bernardo Correia, Manoel de Afonseca Xavier arrematou uma morada cobertas de telhas situada em Antônio Dias, por 125 oitavas de ouro;
- 6) 24-04-1721 - Manoel Afonseca Xavier arrematou diversos vestuários (femininos e masculinos, tais como casaca, quimono de mulher, jaleco, cabeleira de trança, meias, ceroulas), toalha de mesa e travesseiros por 50 oitavas de ouro;

-
- 7) 01-04-1721 – O exequente Antônio da Costa Gouveia arrematou créditos passados por João Rodrigues Annes de Brito (236), Manoel Frois (95) e Cosme José de Magalhães (116), totalizando 447 oitavas de ouro.
 - 8) 18-03-1721 – O exequente Manoel da Silva Guimarães arrematou o moleque escravo Tomé Crioulo, por 150 oitavas de ouro.

Assim, somente os bens arrematados somavam 1.501 oitavas de ouro, quantia nada desprezível para a época.

Para se ter uma referência, basta dizer que o Conde de Assumar havia prometido, em 13 de julho de 1720, a recompensa de 100 oitavas de ouro para quem matasse os encapuzados que desciam do Morro do Ouro Podre para fazer arruaças e desacatar as autoridades durante os dias do levante.

De se destacar que os créditos arrematados, ao que se percebe, eram de titularidade do próprio Filipe dos Santos Freire, o que indica que ele era comerciante autônomo e não mero tropeiro empregado de Pascoal da Silva Guimarães, segundo se afirma tradicionalmente.

Não bastasse, segundo o pagamento de quintos de Vila Rica do ano de 1715, Filipe dos Santos contribuía autonomamente com sete oitavas de ouro, o que reforça também a sua independência como profissional.²¹

Por fim, a residência de Filipe no bairro de Antônio Dias, havida por aforamento já no ano de 1714²², e não no Morro do Ouro Podre (ou Morro do Pascoal), também é indicativo de uma factível independência econômica em relação ao grande potentado Pascoal da Silva Guimarães, que dominava completamente a área onde residiam seus asseclas.

4. O MORRO DA QUEIMADA

Dominado por Pascoal da Silva Guimarães, que ali residia, o Morro do Ouro Podre foi o *locus* da agitação que tomou conta de Vila Rica no ano de 1720. De lá desciam os mascarados que afrontavam as autoridades constituídas, fazendo arruaças, atentando contra a vida e a liberdade sexual de seus desafetos, violando gravemente a ordem pública.

No Diário do Conde de Assumar, eis o primeiro registro que encontramos sobre o local, feito quando ele foi visitar Dona Inácia da Costa em casa: *Este é o afamado Morro de Ouro Preto, chamado de Pascoal da Silva, porque tem a maior parte nele, que comprou a um paulista. Há muitos mais moradores e se tem tirado muita quantidade de ouro, desde que foi descoberto. E ainda hoje se está tirando, porém não em todo o tempo. Como não há água nele, é necessário esperar pelas chuvas e só então é que logram a felicidade de se tirar ouro os seus moradores.*²³

Entre 1715 e 1717 ali viviam e recolheram impostos o Sargento-Mor Arcângelo da Silva Vieira, Francisco da Távora, Manoel Ribeiro Pinto, Capitão Antônio Ramos Rodrigues, Lucas Fernandes Guimarães (ferreiro), Aleixo Ferreira (ferreiro), Felix Rodrigues Mendes (seleiro), o Doutor Ernesto Humberto, o Mestre de Campo Pascoal da Silva Guimarães, José dos Santos (preto forro), Sebastião (preto forro), Antônio Ferreira, o Ajudante Joaquim de Medeiros, Domingos Fernandes Moreira, Manoel de Lemos, Antônio Leão, Teotônio Guimarães de Brito, Pascoal Marques, Domingos Francisco de Oliveira, Manoel Álvares de Oliveira, Francisco da Silva (preto forro) e Manoel de Souza Cerqueira.²⁴

Muitas vendas ali existiam praticando lucrativo comércio, mas sem autorização e pagamento dos impostos devidos à

Câmara de Vila Rica, o que gerava o descontentamento dos comerciantes da parte baixa da cidade e também das autoridades públicas, cujo poder não alcançava faticamente os domínios de Pascoal da Silva Guimarães.

Por esta razão e pelo fato do Morro ser o local de moradia dos mascarados desordeiros, como forma de dar exemplo àqueles que afrontavam o Poder Real, o Conde de Assumar determinou fosse colocado fogo nas casas dos principais envolvidos no motim, donde surgiu posteriormente o epíteto de Morro da Queimada.

Teophilo Feu de Carvalho, em importante, mas tendenciosa, obra sobre o tema afirma que a denominação “Morro da Queimada” foi resultado da invenção de escritores recentes que pretendiam aumentar as consequências da resposta dada por Assumar àqueles que moravam no Morro do Ouro Podre ou de Pascoal da Silva.

Ao que parece, alicerçou o mestre, em tal assertiva, em suas próprias convicções, distanciando-se da fonte segura dos documentos.

Em nossas pesquisas, já em 1769 encontramos registro de morador “na Queimada”, sepultado na Capela de Santana do Morro, o que é o bastante para deixar claro o equívoco do venerando historiador, sendo nossa constatação corroborada por diversos outros assentamentos daquela época.²⁵

Ademais, o recenseamento da população de Vila Rica em 1804 enumera os moradores do Distrito do Morro, que era composto por Morro dos Ramos, Jacutinga, Ouro Podre, Ouro Fino, Lages, Piedade, São João, Santana e Queimada. Na Queimada (certamente a porção que foi mais diretamente afetada pelo fogo e assim expressamente denominada em 1804) foram registradas 23 casas²⁶.

Enfim, é a história viva que testemunha o fogo que deitou sobre o Morro do Ouro Podre, transformando-o no conhecido Morro da Queimada, palco de uma das mais antigas conspirações tramadas no seio das Minas Gerais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passados três séculos de um dos primeiros movimentos rebeldes ocorridos em solo mineiro, pensamos que é preciso que os historiadores busquem, com maior intensidade, as fontes documentais que podem contribuir para melhor elucidação das razões, dos pormenores e da verdadeira biografia dos personagens da ainda pouco estudada Sedição de Vila Rica.

Ainda há muito a se descobrir.

6. FONTES E REFERÊNCIAS

Arquivo Histórico Ultramarino. Portugal.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Lisboa – Portugal.

Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias. Ouro Preto – MG.

Arquivo Público Mineiro. Belo Horizonte – MG.

BOXER, Charles Ralph. *The Golden Age of Brazil, 1695-1750: Growing Pains of a Colonial Society*. University of California. Los Angeles. 1962.

CARVALHO, Theophilo Feu de. *Ementário da história de Minas: Felipe dos Santos Freire na Sedição de Villa Rica 1720*. Belo Horizonte: Edições Historicas, [1933].

DOCUMENTOS INTERESSANTES. Patente de sargento-mor das Minas de Ouro Preto e seus Districtos a Paschoal da Silva Guimarães, dada por D. Fernando Martins Mascarenhas de Lancaster. São Paulo: Arquivo do estado de São Paulo. 1930. Vol. LII, p. 87.

GARCIA, Rodolfo. Anais da Biblioteca nacional do Rio de Janeiro. Vol. LXV. Imprensa Nacional. 1945.

LEME, Luiz Gonzaga da Silva. Genealogia Paulistana. São Paulo: Duprat. 1905.

MACEDO, Deoclécio Leite de. Tabeliães do Rio de Janeiro do 1º ao 4º Ofício de Notas: 1565-1822. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2007.

MATHIAS, Herculano Gomes. Um recenseamento na capitania de Minas Gerais. Vila Rica. 1804. Arquivo Nacional. Rio de Janeiro. 1969.

RHEINGANTZ, Carlos G. Primeiras famílias do Rio de Janeiro. Séculos XVI e XVII. Tomo I. Rio de Janeiro. Livraria Brasileira Editora. 1965.

SOUZA, Laura de Mello e. Discurso histórico e político sobre a sublevação que nas Minas houve no ano de 1720 – Estudo crítico. Belo Horizonte. Fundação João Pinheiro. 1994.

VAINFAS, Ronaldo. Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808). Rio de Janeiro. Objetiva. 2000.

VASCONCELOS, Salomão de. Como nasceu Ouro Preto. Sua formação cadastral desde 1712. Revista do IPHAN. Vol. 12. Rio de Janeiro. 1955. p. 171-231

‘Notas de fim’

- ¹ AHU Cx. 12, Doc. 1315. Lisboa, 27 de abril de 1722.
- ² Anais da Biblioteca Nacional. Vol. LXV. p. 132.
- ³ APM. CMOP. Cx 01. Doc. 04 e 06.
- ⁴ Sebastião da Veiga Cabral também devia 400 oitavas de dízimos em 1718. Biblioteca Nacional. Casa dos Contos. mss1440926.
- ⁵ Livro nº 02 de batismos da Paróquia de Nossa Senhora de Oliveira. 1659-1675. p. 203.
- ⁶ Livro de registro de casamentos de Paroquia de Nossa Senhora da Candelária. 1675-1699. p. 58. Segundo RHEINGANTZ, Valéria Cordeira, filha de Francisco Álvares Rangel e Felícia Rodrigues, nasceu no Rio de Janeiro, onde foi batizada na Sé, em 17 de março de 1655. p. 75
- ⁷ MACEDO, Deoclécio Leite de Tabeliães do Rio de Janeiro do 1º ao 4º Ofício de Notas: 1565-1822. p. 37-39.
- ⁸ Arquivo Público Mineiro. SC 07. p.90.
- ⁹ FRANCO, Francisco Assis de Carvalho. Dicionários de bandeirantes e sertanistas do Brasil. p. 196
- ¹⁰ LEME, Luiz Gonzaga da Silva. Genealogia Paulistana. Título Lemes. p. 200
- ¹¹ Livro de Óbitos da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias. 1753-1764. p. 228-229. Na Capela foi batizado em 28 de junho de 1720, João, filho de Domingos e Inácia. p. 50 do Livro de Batizados de Antônio Dias – 1710-1739.
- ¹² Livro de batismos da Matriz de Antônio Dias. 1710-1739.
- ¹³ Diário da jornada que fez o Exmº Senhor Dom Pedro desde o Rio de Janeiro até a Cidade de São Paulo e desta até as Minas no ano de 1717. Revista do IPHAN. Vol. 3. 1939. p. 301 e 316.
- ¹⁴ SOUZA, Laura de Mello e. Discurso histórico e político sobre a sublevação que nas Minas houve no ano de 1720. p. 109.
- ¹⁵ Conforme documentos citados nos Anais da Biblioteca Nacional. Vol. LXV. p. 133-134.
- ¹⁶ CARVALHO, Theophilo Feu de. Ementário. p. 162.
- ¹⁷ Arquivo Público Mineiro - CC - CX. 47 – 30285.

-
- ¹⁸ Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Livro de registo de baptismos 1664/1700 da Paróquia de Alcabideche - p. 71.
- ¹⁹ Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Livro 01 de Registro de Casamentos da Freguesia de São Sebastião da Pedreira. 1601-1702 p 137.
- ²⁰ BOXER, Charles Ralph. *The Golden Age of Brazil, 1695-1750: Growing Pains of a Colonial Society*. p. 194.
- ²¹ VASCONCELOS, Salomão de. Como nasceu Ouro Preto - Revista do IPHAN, p. 177.
- ²² APM – CMOP – 01 – Registro de Aforamentos. Doc. 109, p. 52.
- ²³ Diário da jornada que fez o Exmº Senhor Dom Pedro desde o Rio de Janeiro até a Cidade de São Paulo e desta até as Minas no ano de 1717. Revista do IPHAN. Vol. 3. 1939. p. 316.
- ²⁴ APM – CMOP – 02 - Registro de lançamentos dos reais quintos de 1715 e respectiva lista dos cobradores e contribuintes. Entre 1720-1721 foram recolhidos impostos de 696 escravos e de 12 lojas existentes no Morro do Ouro Podre, o que evidencia um maior controle oficial das atividades lá desenvolvidas. APM – CMOP – 11.
- ²⁵ Livro de óbitos da Matriz de Antônio Dias. 1741-1770. p. 425-432.
- ²⁶ MATHIAS, Herculano Gomes. Um recenseamento na Capitania de Minas Gerais. Vila Rica. 1804. p.193-195.

Marcos Paulo de Souza Miranda



Em recente conversa com ilustrado membro do Ministério Público brasileiro, tomamos conhecimento de que alguns colegas estariam deixando de lado a utilização da palavra *Parquet* em seus arrazoados, como sinônimo da instituição a que pertencemos, ao argumento de que ela seria anacrônica, já que alusiva a antigos procuradores reais da França.

Segundo fomos informados, o velho *Parquet* seria um órgão elitizado, pouco compatível com a figura de um verdadeiro “defensor da sociedade”, que deve servir de modelo à moderna instituição do Ministério Público. Daí a necessidade de abandono da vetusta e anacrônica palavra francesa, conquanto já consagrada no vocabulário jurídico brasileiro.

Mas haveria fundamento válido para tal assertiva ?

Inicialmente, cumpre-nos ponderar que a teoria mais aceita sobre a origem do Ministério Público está vinculada à Orde-nança do Rei Felipe IV (o Belo), da França, que em 25 de março de 1302 instituiu a figura dos “*procureurs du roi*”, com funções de defesa do fisco e de acusação criminal.

Aqueles procuradores, ao contrário dos juízes que permaneciam sentados e inertes durante os julgamentos nos Tribunais, ocupando um patamar superior, falavam sempre de pé, ao nível do chão, pisando sobre um assoalho de madeira em forma de mosaico que, em francês, denomina-se *Parquet*.

Por tal razão, os membros do *Parquet* integravam a chamada “magistratura de pé” (*magistrature debout*), em oposição aos magistrados sentados (*magistrature du siège*), ou seja, um órgão ativo, cujos membros bradavam de pé, sobre o pavimento comum a que tinham acesso todos os cidadãos, sustentando suas razões a fim de alcançar justiça, à semelhança do que hoje ocorre no Tribunal do Júri.

Exatamente naquela quadra da história, o Ministério Público passou a ganhar consideração e a se consolidar como um órgão forte e estável, obrigando outras instituições a reconhecerem a aplicação efetiva das leis do Estado Francês, o que se espalhou para as mais diversas partes do mundo, chegando ao Brasil, onde a instituição ministerial é guardiã do ordenamento jurídico, do regime democrático e dos direitos da sociedade. E não deve ficar inerte ou sentada, pois a sociedade de nós espera postura ativa e alta.

Desta forma, entendemos que a palavra *Parquet*, para além de integrar o patrimônio linguístico do vocabulário jurídico nacional, guarda perfeita consonância histórica com o perfil do atual Ministério Público, não havendo razões para o abandono da sua utilização nas manifestações ministeriais.

Como a história é mestra da vida, vale lembrar que a origem da nossa instituição está dissociada de pomposos tabladados e de servidores inertes, calados ou inacessíveis.

Ao rés do chão, a sociedade espera por nossa atuação de forma eficiente, firme e justa a fim de assegurar os seus direitos.

Por tudo isso, viva o *Parquet* brasileiro !

O mercado intelectual e a sua degradação na sociedade burguesa: como a leitura de *Illusions Perdues* de Honoré de Balzac pode nos fornecer uma chave de com preensão da realidade de Lucien Chardon

Tatiana Marcellini Gherardi

Geovanna Passos Duarte- Doutoranda em Educação-PUC/MG
Tatiana Marcellini Gherardi- Promotora de Justiça do Estado de Minas Gerais e Bacharelada em Letras-Língua Francesa-UFMG

RESUMO

Muito antes da sociologia se estabelecer como uma ciência, alguns autores já haviam posto em prática certo exercício de análise “sociológica” então fundada no modo como as obras literárias apresentavam e abarcavam os costumes da sociedade. Mesmo que destituído de um cunho sociológico em seu sentido preciso, era a literatura que se apresentava como forma expressiva mais oportuna de entendimento da realidade social e seus costumes. O enredo de *Ilusões Perdidas* descreve o choque dos ideais burgueses, cuja ascensão se dera desde a Revolução de 1789, juntamente às engrenagens capitalistas, segundo as quais tudo está à venda, até mesmo pensamentos, talentos e a própria literatura. Balzac, em seu livro *Ilusões Perdidas* aborda temas de grande destaque para a sociologia, tais como o confronto entre província e capital de Marx Weber, o mito do indivíduo corrom-

pido pela sociedade de Jean Jacques Rousseau, a perversidade do capitalismo de Karl Marx, a importância da ciência e da razão de Augusto Comte.

PALAVRAS-CHAVE: Balzac; capitalismo; positivismo; Ciência e razão

I - INTRODUÇÃO

Muito antes da sociologia se estabelecer como uma ciência, alguns autores já haviam posto em prática certo exercício de análise “sociológica” fundada no modo como as obras literárias apresentavam e abarcavam os costumes da sociedade, os modos de vida, a política e a economia.

Mesmo que destituído de um cunho sociológico, de uma preocupação metodológica em seu sentido preciso, era a literatura no século XVIII, que se apresentava como forma expressiva mais oportuna de entendimento da realidade social e seus costumes.

Assim, Honoré de Balzac foi um autor de grande protagonismo em sua época, por ter analisado a realidade social a partir de um ponto de vista que poderia ser denominada de materialista. Essa perspectiva foi apresentada largamente no seu projeto literário intitulado *La comédie humaine*, um conjunto de obras destinado a conter uma quantidade significativa de narrativas a examinar os costumes da sociedade francesa.

Trata-se de um conjunto de romances que foram divididos por Balzac em três partes: “Estudos de costumes”, “Estudos analíticos” e “Estudos filosóficos”. Essa visão panorâmica acerca dos

costumes sociais forneceria, de alguma forma, certo modelo analítico para as pretensões da sociologia como eventual ciência da sociedade. Tal intento pode ser confirmado quando se verifica os termos e os propósitos explicitados no prefácio de *La comédie humaine* escrito pelo próprio Balzac.

Também em sua obra-prima “*illusions perdues*”, que não pode ser considerada fora de *La comédie humaine*, Honoré de Balzac narra a trajetória controversa de Lucien Chardon, um jovem provinciano, poeta apaixonado e cheio de sonhos que, munido somente de sua inteligência e beleza, sai de sua cidade no interior da França rumo à capital com a amante, Sra. de Bargeton, em busca de riqueza e sucesso como escritor.

Ainda em Angoulême, cercado por sua família e seu amigo, o tipógrafo, David Séchard, Lucien Chardon desfruta de uma confiança cega e exacerbada em relação ao seu talento e projetam sobre ele suas expectativas de sucesso e felicidade.

Suas ilusões começam a se perder quando logo em sua chegada na capital parense ele é desprezado pela alta sociedade e também por sua amada, a Sra de Bargeton, que prefere se afastar do poeta para manter-se entre a aristocracia a qual pertence. Lucien Chardon, ressentido e abandonado, entende que viver em Paris não é tão simples como imaginava. Os livros que escreveu não são aceitos entre os editores e ele se vê obrigado a ganhar a vida de outra forma.

Em um restaurante miserável, ele conhece o Sr. Étienne Lousteau, um jovem jornalista que o auxilia a conseguir emprego na redação do jornal onde trabalha. Logo, Lucien Chardon compreende e se envolve com o poder que o jornalismo tem sobre o comércio, a política e a sociedade daquele tempo.

Vendo que o jornalismo é feito de fofocas, maledicência e de elogios falsos para manipular as opiniões, Lucien Chardon

aprende que a pena pode derrubar pessoas. Ele tem a chance de se vingar de sua antiga amante, provocando um ataque público a ela por meio de um artigo de jornal. O poder da escrita faz de Lucien Chardon, um homem temido por usar da chantagem para ter poder sobre a aristocracia parisiense. As falsas amizades, para proteger a si mesmo de cair na boca do povo, fazem ofertas de grandeza e renome entre a nata social de Paris.

Seduzido pela oferta de se tornar um nobre e pertencer à alta sociedade, Lucien Chardon refaz a amizade com a Sra de Bargeton, cuja intenção é vingar-se dele. A conquista da fama faz com que Lucien Chardon gaste mais do que tem para manter-se no luxo e o jovem acaba em meio a dívidas e perdendo dinheiro no jogo.

A vida de Lucien Chardon dá uma reviravolta, quando muda de jornal e de partido. Aqueles que já odiavam por seu sucesso e por seu talento conspiram contra ele, levando-o à miséria.

O título prometido a Lucien Chardon também é anulado pelo Rei, pois seus inimigos atribuem-lhe um artigo calunioso que ele não escreveu. Traído por Lousteau, Lucien Chardon vê a amante Coralie sucumbir e adoecer.

O quadro se torna ainda mais complexo quando o protagonista retorna à província e encontra sua família também devastada pelas dívidas que ele lhes impusera ao constantemente solicitar-lhes ajuda financeira.

Ao término da narrativa, quando está a ponto de se suicidar, reencontra o padre Carlos Herrera, que assegura a Lucien uma vida agradável e bem-sucedida, dede que este se entregue plenamente e sem questionamento às traduções do espanhol.

Não restam dúvidas de que o poeta de Angoulême vende sua alma, deixando de lado a missão de visionário da sociedade,

para obter um sucesso pouco genuíno e demasiadamente mercantil.

Em *Illusions Perdues*, Balzac aborda temas de grande destaque para a sociologia. Nossa análise pretende centrar-se nos interstícios da obra de Balzac, ou seja, nos significados que emergem, não de modo explícito, literal, mas que pudemos captar de sua leitura e confrontadas com leituras realizadas dos textos de BAKOS, 2011; MARX e ENGELS, 2007; MARX, 2003 e WEISS; ROSATI, 2015 que visam a aproximar uma explicitação do pensamento destes autores e à construção literária de Balzac a respeito de um tipo de sociedade atravessada por contradições tais como burguesia versus proletariado, capital versus trabalho, apropriação versus alienação, estrutura social versus aparência social.

II. DESENVOLVIMENTO

A) UMA ANTECIPAÇÃO DA SOCIEDADE CAPITALISTA DE MARX E ENGELS

O enredo de *Illusions Perdues*, de acordo com a análise que fizemos, descreve o choque dos ideais burgueses, cuja ascensão aconteceu desde a Revolução de 1789, juntamente aos mecanismos capitalistas, segundo os quais tudo está à venda, até mesmo pensamentos, talentos e a própria literatura. Balzac introduz, assim, seus personagens aos primeiros artifícios mercantilistas e jogos de interesses, em detrimento dos valores familiares e uma suposta integridade moral.

Percorrendo as páginas do livro *Illusions Perdues*, o leitor pode subtrair contribuições para reflexões sociológicas, principalmente quando descreve e julga o modo de vida burguês e,

através de seu personagem principal Lucien Chardon, consegue mostrar a influência do dinheiro nas relações sociais no desdobrar de suas ações, dramas e vivências na sociedade parisiense em busca de se tornar um escritor conhecido. Por meio de suas descrições, Balzac nos apresenta o controle das condições sociais sobre um indivíduo e a realização da necessidade social mediante a cadeia de acasos evidentes da vida individual. Por exemplo, quando Lucien Chardon é chamado a aquietar-se pelo redator-chefe, -“Acalma-te, disse Étienne Lousteau, aceita os homens pelo que realmente são: meros instrumentos” (BALZAC,1978, p.147).

A despeito de sua verve poética, de seu desejo de tornar-se um escritor famoso e, assim, reconquistar as ilusões que nutria ainda na província de Angoulême, Luciano Chardon é instado por Étienne Lousteau a resumir sua existência de poeta a um mero instrumento dos valores e condições sociais em que vive. Frente à constatação desta condicionante, trazemos a primeira obra de Marx e Engels lida para esse diálogo, *o Manifesto do partido Comunista* em que

tudo o que é sólido e estável se volatiliza, tudo que é sagrado é profanado, e os homens são finalmente obrigados a encarar com sobriedade e sem ilusões sua posição na vida, suas relações recíprocas. (MARX e ENGELS, 2007, p.48).

Podemos relacioná-la de forma direta com o início da narrativa, no momento em que David Séchard, tipógrafo, assume a velha tipografia do pai, com a ajuda do amigo Lucien Chardon. Os dois, ávidos por literatura e pelo trabalho criativo – por isso, poetas – eram ingênuos no tocante ao funcionamento do capita-

lismo. São opostos tanto em personalidade quanto em constituição física, há uma sobriedade entre os dois personagens que ao longo da narrativa vão constituindo ilusões e ao fim perdem essas mesmas ilusões.

Os dois são atropelados por aquilo que mais tarde vai constituir toda a obra de Karl Marx quanto ao entendimento do mundo burguês, no qual o homem existe em função de uma necessidade de posse considerada abstrata e artificial. Tal necessidade o coloca desapropriado de valor da produção de seu trabalho, alienando-o do processo em relação às necessidades básicas para sua sobrevivência e, portanto, um mero vendedor de sua força de trabalho, como evidenciado no trecho abaixo em que o redator-chefe define a si e Lucien Chardon, diz ele na sua definição:

posso vir a precisar colocar dez linhas do seu rodapé – respondeu friamente Lousteau. – Enfim, meu caro, o segredo da fortuna, em literatura, não é trabalhar; trata-se de explorar o trabalho de outrem. Os proprietários de jornais são empreiteiros, e nós pedreiros (BALZAC, 1978, p 141).

No caso da citação acima, e utilizando Karl Marx para interpretar a essência do trabalho literário, o jovem Lucien Chardon é compelido a vender sua arte como mercadoria em troca de posicionamentos ideológicos e resolução de aspectos práticos de sua vida financeira.

Na segunda parte do Livro, cujo título é “*um grande homem da província em Paris*”, Balzac nos apresenta o “cenáculo” que é uma espécie de confraria do livro, onde se aglutinam escritores e jornalistas. Balzac utiliza da contradição entre seus dois maiores expoentes: de um lado o escritor Daniel D’Arthez e do outro o

jornalista Étienne Lousteau, para descrever uma oposição de condutas e pensamentos que na teorização de Karl Marx descreve a intrigada teia de relações a envolver os homens, a mercadoria, a alienação e o dinheiro, convertendo seus personagens em um produto desses elementos.

Se por um lado temos o escritor Daniel D'Arthez que sobrevive de forma miserável com sua inteligência, talento nato e desinteressado, sua ideologia aguerrida na crença da essência, sobre a natureza material e por isto apartado do capitalismo, do outro temos o jornalista Étienne Lousteau que, apresentado como o literato prostituto, vive do comércio de suas habilidades da escrita em troca de uma melhor condição social.

Lousteau comercializa trabalhos que podem lhe oferecer vantagens financeiras, sem a menor agremiação ideológica, pelo contrário, trocando constantemente seu posicionamento ideológico na busca apenas do lucro. No Cenáculo, Lucien Chardon Cenáculo contrasta com estes dois posicionamentos e é tenazmente atacado por um de seus membros que o conclama a se posicionar entre representar a pureza da alta literatura ou se entregar às vicissitudes do capital. Assim, travam-se os diálogos que se seguem, em que Miguel Chrestien tenta demovê-lo de render-se ao capitalismo:

– não nos considere rudes, meu querido filho – disse Miguel Chrestien-, somos previdentes. Temos medo de te ver um dia preferindo as alegrias de uma pequena vingança às alegrias de nossa pura amizade. Lê *o Tasso* de Goethe, a maior obra desse grande gênio, e verás ali, que o poeta ama os estofos cintilantes, os festins, os triunfos, o brilho: pois bem, sê tu *o Tasso*, sem a sua loucura. O mundo e seus prazeres te chamam? Permanece

aqui...Transporta para a região do ideal tudo o que pedes à tua vaidade. Loucura por loucura põe a virtude em tuas ações e o vício em tuas ideias, em vez de, como te dizia de Arthez, pensar bem e proceder mal (BALZAC, 1978, p. 128).

E completa:

– seria a sepultura do belo, do suave Luciano que amamos e conhecemos – de Arthez. – Não resistirias à constante alternativa de prazer e de trabalho de que é feita a vida dos jornalistas, e resistir é o fundamento da virtude, ficarias tão encantado por exercer o poder, por ter direito de vida e morte sobre as obras do pensamento, que tronarias jornalista em dois meses. Ser jornalista é passar a procônsul na república das letras. Quem tudo pode dizer chega a tudo fazer! esta máxima é de Napoleão, e é fácil de compreender (BALZAC, 1978, p.129).

Sepulta-se, assim, o escritor ingênuo, de coração puro e fazendo nascer o jornalista comprometido com jogos políticos, com a intriga e transformando sua literatura em mera força de trabalho no plano intelectual.

Em *Illusions Perdues*, principalmente nos dois primeiros capítulos, Balzac descreve o nascimento da imprensa, o mercado e da mídia, por meio de seus personagens. A trama capitalista, que nasce com o processo revolucionário francês, impossibilita Lucien Chardon de alcançar seus objetivos. O talento poético e a fraqueza humana são atravessados não somente pela esfera econômica, mas também pelas relações sociais. O próprio Karl

Marx, em 18 Brumário, assim poderia descrever o calvário de Lucien Chardon

Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim, sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. (MARX, 2003, p. 7).

Assim, as condições sociais impostas por uma sociedade capitalista fizeram derrocar os intentos de um jovem ambicioso e provinciano.

Ao longo da narrativa, Lucien Chardon se vê obrigado a conformar-se com o fato de sua arte e suas convicções ideológicas se transformarem em mercadoria. “Luciano mordeu a maçã do luxo aristocrático e da glória”. (BALZAC, 1968, p. 30) E um de seus amigos assim conclui sua trajetória diante da sociedade capitalista:

é da natureza dos que amam as colheitas sem trabalho. Os deveres da sociedade lhe devorarão o tempo, e o tempo é o mais precioso capital das pessoas que só têm a inteligência por fortuna. Gosta de brilhar, e a sociedade lhe exasperará os desejos que nenhuma soma poderá satisfazer; gastará dinheiro sem o ganhar. Enfim, habituaram-no a julgar-se grande; mas antes de reconhecer qualquer superioridade, o mundo exige êxitos brilhantes. Ora, os êxitos literários só se conquistam na solidão e através de um trabalho obstinado (BALZAC, 1981, p. 63).

B) O POSITIVISMO DE AUGUSTO COMTE: PODER DA CIÊNCIA E DA RAZÃO

O positivismo de Augusto Comte, enquanto resposta às indagações sociais e naturais, se difundiu largamente no início do século XIX e serviu de pano de fundo a muitas obras literárias. Os tipos, as leis dos três estados e tantas outras teorizações trazidas por Comte em suas obras foram utilizadas por Balzac para composição de seus diversos personagens na obra em que ele intitulou *La comédie humaine*.

As diretrizes gerais do Sistema da Filosofia Positivista, de uma forma bem genérica, se constituiu de uma força de ordenar o mundo e que para o protagonista de *Illusions Perdues* acontece por meio de classificações e hierarquizações de seus personagens.

Nenhum personagem da narrativa de *Illusions Perdues* escapa à descrição classificatória e hierarquizada. Logo no início da história, vários personagens são descritos. O importante não são as descrições em si, mas sim a intenção de reproduzir personalidades próximas àquelas da realidade e ao mesmo tempo expressando suas mudanças ao longo da história, na medida em que vão entrando em contato com os outros personagens e com a realidade histórica e social em que vivem.

há, com efeito, pessoas que não tem o mesmo aspecto nem o mesmo valor, quando separados das pessoas, das coisas dos lugares que lhes servem de moldura (BALZAC, 1978, p.89)

O narrador de *Illusions Perdues* aparece como um analista dos tipos humanos, porém este tipo humano não se encontra deslocado da realidade, mas inserido nela e permeável a suas influências.

Na teorização de Comte, o conceito de estado positivo seria o último estágio da evolução do espírito da espécie humana e dos indivíduos e ao nos reportarmos ao título da primeira parte do romance, “*os dois poetas*”, realçamos como Balzac esclarece a maneira pela qual os amigos estabeleceram seus laços e se envolveram com a literatura e com a ciência: ambos, com o espírito repleto de muitos talentos, possuíam aquela elevada inteligência que coloca o homem em igualdade com todas as sumidades, e se viam jogados no fundo da sociedade. Essa injustiça do destino criou uma ligação poderosa: todos os dois tinham chegado à poesia por caminhos diferentes.

E nesse sentido David Séchard, tipógrafo, que é um indivíduo descrito como extremamente inteligente, mas, no entanto, não consegue resolver problemas da vida prática, encontra-se atônito e não vislumbra o surgimento da sociedade moderna em detrimento da sociedade feudal e assim diferenciar a indústria do interior da França da indústria parisiense, como bem descreve Balzac:

embora destinado às mais altas especulações das ciências naturais Luciano se voltava com ardor para a glória literária; conquanto de David, cujo gênio meditativo o predispunha à poesia, inclinava-se gostosamente para as ciências exatas. esta interposição de papéis engendrou como que uma fraternidade espiritual. (BALZAC, 1978, p. 22)

Este trecho também é eivado de um sentido metafórico que poderia nos conduzir ao Estado metafísico proposto por Comte, uma vez que os personagens são descritos como possuidores de características genuínas e ao mesmo tempo abstratas; contudo, o

que os caracterizam e os fazem agir de modo ordenado, organizado e de forma lógica em busca de seus objetivos é a razão. Segue em sua descrição o narrador que assim os distingue:

apesar da aparência de uma saúde vigorosa e rústica, o tipografo tinha um gênio melancólico e doentio, e duvidava de si próprio; Luciano, entretanto, dotado de um espírito empreendedor, mas versátil, possuía uma audácia em desacordo com o seu ar mole, quase débil, mas cheio de graça feminina (BALZAC, 1978, p.27).

É possível notar no trecho acima a constante comparação que o autor constrói entre os protagonistas, que vai desde sua constituição psicológica até a física. Embora destinado às mais elevadas especulações das ciências naturais, Lucien Chardon se voltava com ardor à glória literária; ao passo que David, cujo temperamento meditativo o predispunha à poesia, inclinava-se por gosto às ciências exatas.

O gênio só contava consigo mesmo; era o único juiz de seus meios, pois que somente ele conhecia os fins: devia, pois, colocar-se acima das leis, sendo conclamado a refazê-las; aliás, quem domina seu século tudo pode tomar, tudo arriscar, pois tudo está a seus pés (BALZAC, 2007, p. 93).

Existia um espírito de época partilhado por diversos pensadores que tenderiam à defesa da ciência e, portanto, da racionalidade lógica enquanto solucionadora de várias questões que, desde sempre, inquietaram a humanidade e assim se apresentam os personagens de *Illusions Perdues*.

C) ESTADO: CONFRONTO ENTRE PROVÍNCIA E CAPITAL

Desde que chegou a Paris, Lucien Chardon percebeu de instantâneo a explícita diferença em relação aos moradores da capital: a maneira de andar e de se portar, as vestimentas e o cuidado com a aparência de modo geral. Da mesma forma, passou a enxergar sua amada, Sra. de Bargeton, através do contraste com as parisienses. O outro, importante para a constituição de si próprio, traz o estranhamento, fazendo com que ambas as personagens se sintam como estrangeiras naquele ambiente, o que também era percebido pelas outras pessoas:

As quatro personagens olharam então para Luciano enquanto a marquesa falava. Apesar de se achar a dois passos apenas do recém-vindo, de Marsay tomou o monóculo para vê-lo. Seu olhar ia de Luciano à Sra. de Bargeton e da Sra. de Bargeton a Luciano, emparelhando-os num pensamento zombeteiro que mortificou cruelmente a um como ao outro. Examinava-os como a dois animais curiosos, e sorria (BALZAC, 1978, p. 101)

Seu maior pesadelo era, como afirma o narrador de *Illusions Perdues*, permanecer na província, nesse “vazio social, onde o nascimento obscuro e a falta de fortuna mantêm tantos espíritos superiores” (BALZAC, 1978, p. 60).

E prossegue:

[...] ilusões que se têm uns dos outros na província por falta de comparação, e que produziriam verdadeiras catástrofes se, para sua sorte, as pessoas da província não se habituassem tanto à sua atmosfera e aos felizes

pesares de sua vida que enfrentam em todos os outros lugares, e que sobretudo em Paris não se sentem à vontade (BALZAC, 1978, p. 349).

Ao contrário, na capital, onde tantos talentos se encontram e os gênios incompreendidos descobrem que seus companheiros lhes oferecem algum conforto por compartilhar de suas aflições e anseios.

Na parte final de *Illusions Perdues*, a constante contraposição entre província e capital, pureza e mácula expressa no excerto acima fica ainda mais evidente diante das dificuldades enfrentadas pelo casal Séchard, cuja vida “é uma oposição violenta aos costumes parisienses” (BALZAC, 1978, p. 349).

Mas não é só a oposição província e capital que estabelece uma fissura para os personagens. Na província existe uma outra divisão, que coloca de um lado a nobreza e de outro a burguesia

“O Houmeau, assim, não obstante seu ativo e crescente poder, nunca passou de uma dependência de Angoulême. No alto, a nobreza e o poder; embaixo, o comércio e o dinheiro; duas zonas sociais constantemente inimigas sob todos os aspectos; difícil era assim adivinhar que das duas cidades mais odiava à rival”. (BALZAC, 1978, p.30).

III. CONCLUSÃO

Illusions Perdues é um livro extremamente rico em possibilidades de análises. Balzac consegue em quase 500 páginas e por meio de seus personagens delinear de forma bastante descritiva o nascimento da sociedade capitalista, as relações de produção,

tomando como base a tipografia e mais à frente a evolução com o advento da imprensa.

Também vimos surgir a dicotomia entre trabalho intelectual e trabalho manual. O jovem Lucien Chardon, diante da impossibilidade de ver seu progresso acontecer mediante o reconhecimento de seu talento literário, passa a fazer de sua escrita uma moeda em troca de sua sobrevivência.

Também faz parte da narrativa a separação entre província e capital que é utilizada pelo narrador como uma forma descritiva de trazer o antagonismo entre burguesia e aristocracia.

Um elemento que ficou de fora desta análise, mas que permeia toda a obra, relaciona-se com a ideia de que grande parte dos personagens de *Illusions Perdues* sofrem com o peso das instituições e, por isso, ao longo da narrativa vão perdendo a sua essência e transformando-se em seres cooptados por sentimentos e ações exteriores a sua existência, tais como avareza, hipocrisia, vaidade e ambições.

IV. BIBLIOGRAFIA

BAKOS, Margareth. Augusto Comte e o positivismo no Brasil. **Estudos Históricos** – CDHRP- Ano III- Outubro, 2011 n. 7-ISSN: 1688-5317.Uruguay.

BALZAC, Honoré de. **Ilusões Perdidas**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. Tradução de Ernesto Pelanda e Mário Quintana.

BALZAC, Honoré de. **Ilusions Perdues**. Paris: Gallimard, 1974.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido Comunista**. 5. Reimpr. São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luiz Bonaparte**. São Paulo: Centauro, 2003.

WEISS, Raquel; ROSATI, Massimo. Tradição e autenticidade em um mundo pós-convencional: uma leitura Durkheimiana. **Sociologias**. Porto Alegre, ano 17, n.39, maio/ago 2015, p. 110-162.

Tatiana Marcellini Gherardi

Inspiré par le style de George Perec (1936-1982), qui fut un de plus inventif écrivain français de sa génération. Ses œuvres sont fondées sur l'utilisation de contraintes formelles, littéraires ou mathématiques, qui marquent son style.

Rue São Paulo. Située au croisement de la rue Felipe Dos Santos. Quartier de Lourdes. Belo Horizonte. Minas Gerais. Brésil. Amérique Latine. Sud de l'Amérique et Hémisphère du même nom. Monde. Encore planète terre. 7h30 du matin. Peut-être c'est le quartier plus arborisé de la ville. Les Ipês, arbre typiquement brésilien, sont encore fleuris et prouvent qu'il existe le printemps dans les tropiques, malgré la chaleur estivale. Il y a des travailleurs qui passent vite. De même des gens qui font du sport et d'autre qui promènent des chiens, pas forcément les siens. La place du quartier se réveille, au contraire des gens qui dorment sur le trottoir. Les voitures disputent déjà l'espace de la rue avec les autobus. Il n'existe pas de métro. Dans quelques coins, deux boulangeries. L'une pas de gluten, pas de lactose, pas de sucre et pas non plus de goût, bien sûr. Dans l'autre, plusieurs types de pain, mais pas de croissant. Les magasins, la plupart de luxe, sont encore fermés. Au milieu de la rue, une banque avec un panneau étincelant rend hommage au nom du pays. Cela m'a fait rappeler du lieu où j'habite et d'où, pour l'instant, je ne peux pas partir. Des immeubles sont immenses, plusieurs étages. Les dernières anciennes maisons ne réussissent plus à raconter l'histoire de la ville. Elles sont à peine petits traits d'un passé lointain. Il s'agit

d'un pays qui ne connaît pas la valeur du mot «mémoire». On voit par terre des affiches des concerts. Belo Horizonte, ainsi comme Paris, est toujours une fête. Le supermarché vient d'ouvrir ses portes, mais par tout le monde. Il y quelqu'un qui restent dehors et qui n'y entre jamais.

UM BAIRRO

Inspirado pelo estilo de Georges Perec (1936-1982), que foi um dos mais inventivos escritores franceses da sua geração. Suas obras são fundadas na utilização de reestruturações formais, literárias ou matemáticas, que marcam seu estilo.

Rua São Paulo. Localizada no cruzamento da rua Felipe dos Santos. Bairro de Lourdes. Belo Horizonte. Minas Gerais. Brasil. América Latina. Sul da América e hemisfério do mesmo nome. Mundo. Ainda planeta terra. 7h30 da manhã. Talvez seja o bairro mais arborizado da cidade. Vêm-se ipês, árvores tipicamente brasileiras, ainda floridos e comprovando que existe primavera nos trópicos, apesar do calor estival. Trabalhadores caminham rapidamente. Do mesmo modo, pessoas que praticam esporte e outras que passeiam com cães, não necessariamente os seus. A praça do bairro acorda, ao contrário daqueles que dormem nas calçadas. Carros disputam o espaço da rua com ônibus. Não existe metrô. A alguns quarteirões, duas padarias. Em uma, lê-se, sem glúten, sem lactose, nada de açúcar e nada de gosto, a supor. Na outra, vários tipos de pães, mas sem croissant. As lojas, a maior parte de luxo, estão fechadas. Um banco com letreiro brilhante homenageia o nome do país. Isso me faz lembrar do lugar onde moro e de onde, por ora, não posso partir. Os prédios são

imensos, vários andares. As últimas casas não conseguem mais contar a história da cidade. São apenas pequenos traços de um passado distante. Trata-se de um país que não conhece o valor da palavra “memória”. Vê-se pelo chão panfletos de shows. Belo Horizonte, como Paris, é sempre uma festa. O supermercado acaba de abrir suas portas, mas não para todos. Há sempre alguém que permanece do lado de fora e lá não entrará jamais.

Tatiana Marcellini Gherardi- Promotora de Justiça Criminal em Belo Horizonte. Bacharelada em Letras- Língua Francesa pela UFMG.

V

Patronos de Cadeiras Homenageadas

Roberto Atilio Jávare

Nos termos do Estatuto de nossa Academia, o acadêmico obriga-se na posse a fazer o elogio de seu Patrono (art. 9º, § 1º).

No meu caso, longe de uma imposição, a tarefa de fazer o elogio do saudoso Patrono Dr. Alberto Pontes revela-se um imenso prazer e motivo de muita alegria.

Digo isso porque tive a grata satisfação de conhecê-lo pessoalmente e, por isso mesmo, posso atestar com firmeza e sem qualquer receio a probidade desse querido membro da Instituição, sua capacidade intelectual e seu amor ao Ministério Público.

Em sua vida particular, sempre se mostrou fiel nas amizades, tratando-se de homem íntegro, ótimo marido e excelente pai de família.

Alberto Pontes nasceu na cidade de Uberaba, no Triângulo mineiro, graduando-se pela Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro, em 1937.

No mesmo ano em que vim ao mundo, em 1946, Alberto Pontes ingressou no Ministério Público de Minas Gerais, passando pelas comarcas de Uberaba e Belo Horizonte.

Em 1964 viu-se promovido ao cargo de subprocurador-geral do Estado, o que era equivalente ao atual cargo de procurador de Justiça.



Foi o 1º vice-presidente da Associação Mineira do Ministério Público na gestão 1967-1969 e um dos fundadores da Confederação das Associações Estaduais do Ministério Público, importante evento ocorrido em 1971 na cidade de Ouro Preto.

Dotado de oratória impecável e invejável saber jurídico, emprestou por muito tempo seu talento profissional ao Tribunal do Júri de Belo Horizonte, palco em que sempre brilhou.

Demais disso, conferencista renomado, ocupou o cargo de professor do Curso Básico de Oratória da Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais (atual Universidade Federal de Minas Gerais).

Representou o Ministério Público perante a Comissão Especial criada pelo governador de Minas para o estudo de adaptação do sistema penitenciário à Lei Federal nº 6.416, de 24 de maio de 1977.

Em maio de 1977, foi eleito corregedor-geral do Ministério Público pelo Conselho Superior, sendo nomeado para o cargo pelo então procurador-geral do Estado Pedro Rolla Sobrinho.

Naquele mesmo ano de 1977 instituiu-se a Comissão para a realização do XV Concurso para provimento de cargos de promotor de Justiça de Minas Gerais, tendo sido o Dr. Alberto Pontes o seu presidente.

Desse concurso trago excelentes recordações, todas importantes, mas duas delas inesquecíveis. A primeira, certamente, foi a oportunidade de conhecer pessoa tão ilustre e admirável. A segunda, sem dúvida, foi a minha aprovação.

Cumprir dizer, finalmente, que Alberto Pontes foi idealizador do Centro de Aperfeiçoamento Cultural e Profissional do Ministério Público, atualmente Centro de Estudos e Aperfeiçoamento Funcional, órgão a que deu nome, tendo sido o seu primeiro coordenador, em 1979.

Aposentou-se em 1981 e faleceu em 1998.

Vou ocupar a Cadeira da Academia que leva o nome de Alberto Pontes com um sentimento de imerecido privilégio, mas com a certeza de que tudo farei para honrar o meu insigne Patrono.

Muito obrigado!

(Discurso preparado para a posse do acadêmico Roberto Atílio Jávare, em 14/12/2018)

Concisa biografia em homenagem ao meu Patrono Doutor
Levindo Ozanam Coelho, Cadeira nº 34 da
Academia de Letras do Ministério Público de Minas Gerais.

Duarte Bernardo Gomes

Levindo Ozanam Coelho (Ubá, 17 de maio de 1914 - Ubá, 30 de março de 1984). Foi governador de Minas Gerais de 5 de julho de 1978 até 15 de março de 1979, completando mandato de Aureliano Chaves que foi candidato e eleito vice-presidente do Brasil. Bacharelou-se em direito pela Faculdade de Direito da então Universidade de Minas Gerais em 1936.



Foi advogado na sua terra natal e promotor em Bom Sucesso. Foi diretor do jornal “Folha do Povo”, periódico fundado por seu pai. Prefeito de Ubá de 1939 a 1946. Eleito constituinte estadual em 1947, nesta época prestou apoio ao governo Milton Campos, eleito suplente de deputado para a legislatura seguinte tomou posse em 1953, foi reeleito em 1955. De 1956 a 1958 exerceu a liderança do PSD na Assembleia Legislativa de Minas Gerais.

Elegeu-se deputado federal de 1959 a 1975, em 1974 foi eleito vice-governador do Estado de Minas Gerais na chapa de Antônio Aureliano Chaves de Mendonça, assumindo o cargo de governador quando da renúncia do titular para disputa da vice-presidência da República.

Em 1979 foi nomeado Ministro do Tribunal Superior do Trabalho, cargo que recusou. Foi novamente eleito deputado federal para a legislatura de 1983 a 1987, que não chegou a completar.

Era filho do senador Levindo Eduardo Coelho e de Antônia Gonçalves Coelho, quinto dos quatorze filhos do casal. Era casado com Cybele Pinto Coelho e teve os seguintes filhos: Isaura Maria Coelho Santos, Cybelle de Lourdes Coelho, Levindo Eduardo Coelho Neto, Saulo Levindo Coelho e Marília Pinto Coelho. Pesquisado em 5 de junho de 2020. (UBAENSES ilustres. Ozanam Coelho). Disponível em <https://www.uba.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/ozanam-coelho/6512>



Promotoria Publica da Comarca de Bom-Sucesso

Minas Gerais

2

Exmo. Snr. Dr. Juiz de Direito

M. Vivas

Manifestação processual
de Levídio Ozanam Coelho.

Usando da faculdade que a lei lhe confere e no cumprimento do seu dever, denuncia o promotor de justiça da comarca Zulmira Evangelista de Carvalho, brasileira, maior e residente na vila de Ibituruna, neste município, por ter no dia 25 de Março p.p., naquele distrito, agredido a sôcos o inspetor policial José Galdino depois de o ter detratado publicamente.

Do inquerito policial não consta o auto corpo de delito, entretanto, as testemunhas ouvidas são unânimes em afirmar que viram a acusada agredir a vítima.

Assim sendo, está a denunciada incursa nas penas do art. 303 da C. E. P.

Pelo que se requer seja instaurada a competente ação penal, intimando-se a denunciada para vir ver se processar e as testemunhas do rol abaixo, para deporem sobre o fato constante da denuncia, em tal oportunidade sendo feito o auto de corpo de delito indireto.

Do inquerito policial não consta o auto corpo de delito, entretanto, as testemunhas ouvidas são unânimes em afirmar que viram a acusada agredir a vítima.

Assim sendo, está a denunciada incursa nas penas do art. 303 da C. E. P.

Pelo que se requer seja instaurada a competente ação penal, intimando-se a denunciada para vir ver se processar e as testemunhas do rol abaixo, para deporem sobre o fato constante da denuncia, em tal oportunidade sendo feito o auto de corpo de delito indireto.

Rol de testemunhas:

- 1ª - João Antonio de Abreu,
- 2ª - José Albano de Oliveira,
- 3ª - Jair Abreu e
- 4ª - José Jacinto Vivas.

Todas residente na vila de Ibituruna, deste município.

Em Bom Sucesso, 17 de Abril de 1939.

Levídio Ozanam Coelho

Denúncia de 17 de abril de 1939 na comarca de Bom Sucesso, Minas Gerais.

Texto de Levindo Ozanam Coelho: “Nunca [...] deixei de conservar-me fiel aos princípios norteadores da indispensável atuação do Ministério Público. Nos diversos postos pelos quais passei, desde o Executivo municipal até a Governadoria do Estado, na Augusta Assembléia Legislativa ou no nobre Congresso Nacional, sempre tive presente o resguardo da Constituição, a observância da lei e o exercício do múnus público com constante atividade em favor da justiça. Bastas vezes, incompreendido na motivação primeira que me movia, contraditado no esforço pelo bem comum, pude estabelecer analogia entre meu labor e a luta indormida, árdua e altamente significativa do Promotor de Justiça. Chega a ser tocante, muitas vezes sublime, o zelo do nosso Ministério Público no restabelecimento da justiça através da correta apuração da verdade”. (*In*: Membros Ilustres do Ministério Público, publicação da Procuradoria Geral de Justiça, CEAF, Belo Horizonte, 2013. p. 179).

Diagramação, editoração eletrônica,
impressão e acabamento
3i Editora